

Faltam 400 professores na UFRGS

O excesso de substitutos e as aposentadorias precoces provocam acúmulo de funções aos docentes do quadro

Embora continuamente trabalhe para criar novos cursos e ampliar o número de vagas oferecidas a cada vestibular, a UFRGS possui hoje um quadro de professores insuficiente para dar conta de todas as atividades acadêmicas. Concursos escassos e aposentadorias precoces têm contribuído para complicar ainda mais a situação. A partir de 2000, quando o MEC começou a liberar vagas para concurso, os setores com maior carência de professores foram contemplados prioritariamente, mas, conforme o Pró-reitor de Graduação, Carlos Alexandre Netto, ainda assim existem departamentos com cerca de 35% de seu quadro preenchido por contratos temporários. O presidente da Adufrgs, Eduardo Rolim, afirma que, em função do excesso de substitutos, os professores efetivos precisam dar conta não só das aulas na graduação, como também de todas as tarefas inerentes às atividades de pesquisa e extensão. **Página 4**



FLÁVIO DUTRA

Dar aula, preencher formulários, fazer pesquisa, orientar alunos e publicar artigos são tarefas que integram a rotina dos professores universitários

Porto Alegre já tem Diagnóstico Ambiental

Atualidade O Centro de Ecologia do Instituto de Biociências da UFRGS acaba de apresentar aos técnicos da SMAM o Diagnóstico Ambiental do Município de Porto Alegre, feito a partir de imagens obtidas pelo satélite Quickbird. Segundo o coordenador do projeto, o geógrafo Heinrich

Hasenack, revelaram-se três situações distintas em relação à degradação do solo: muito impactado na área urbana, medianamente impactado na zona de produção rural e sítios de lazer, e com baixo impacto nos morros e parques, inclusive nas ilhas do Delta do Jacuí. **Página 3**



FLÁVIO DUTRA

Internacional Povo boliviano, sem acesso às riquezas do próprio país, protestou pela estatização do petróleo e do gás natural. **Página 10**

Universidade procura manter alunos da periferia

Campus O Projeto Conexões de Saberes/UFRGS, desenvolvido através da Pró-reitoria de Extensão e coordenado pela professora Maria Aparecida Bergamaschi, pretende promover o diálogo entre a Universidade e comunidades carentes, estimulando a troca de saberes e expe-

riências, e identificando demandas. Para isso, oferece 25 bolsas de estudos a alunos de graduação oriundos dessas comunidades, com baixa renda familiar e dificuldades para se manter na universidade. Inscrições abertas até 5 de agosto na Prorext. **Página 6**

O convívio nas Casas de Estudantes

Campus Na primeira de uma série de reportagens sobre as Casas de Estudantes, o Jornal da Universidade ouviu a opinião dos moradores sobre o dia-a-dia de quem conseguiu conquistar uma das 542 vagas oferecidas pelas três casas da UFRGS. Apesar da falta de privacidade, muitos consideram a troca de experiências um enriquecimento pessoal. **Página 5**

Razões do terrorismo internacional

Debates As diferentes causas dos atentados que têm sacudido cidades do Ocidente e do Oriente, engordando a contabilidade das vítimas inocentes e levando os serviços de segurança a dobrar seu contingente, são investigadas em textos escritos pela cientista política, Céli Regina Pinto, e pelo psicólogo, Edson Luiz André de Sousa, ambos professores da UFRGS. **Página 15**

Almoço com alegria

Perfil Cordialidade faz parte do trabalho de Tânia Inês Volpato (foto à direita), a Tia do RU do Campus do Vale. Aos 57 anos, ela ainda tem alegria e determinação para voltar aos estudos. Seu jeito de ser já lhe rendeu até uma página no Orkut, criada no ano passado por estudantes da Universidade. **Página 7**



FLÁVIO DUTRA

Especial

Bruxaria na vida moderna

Misticismo A partir da constatação do retorno ao oculto e ao sobrenatural na modernidade, a antropóloga Suzana Araújo desenvolve sua tese de doutorado para o Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. Para a pesquisadora, a chamada revanche do pensamento mágico reflete a desilusão do homem diante das grandes ideologias, constituindo novas formas de religião na atualidade. Ao estudar o imaginário da população da Ilha da Pintada, ela descobriu uma forte influência herdada da colonização açoriana, cuja base pode ser encontrada em contos dos colonos portugueses. **Página central**

NESTA EDIÇÃO

Espaço da Reitoria	2
Charge	2
Artigos	2
Agenda	12
Resenhas	14
Ensaio	contracapa

Cartas

Sou inativa da Universidade e moro em Natal. Meu vínculo com a UFRGS tem sido o Jornal e minha satisfação é muito grande quando encontro conhecidos, e até colegas, no "Perfil". Muito obrigada por permitirem que a Universidade mantenha-se presente aqui tão longe. O Jornal é lido de um só fôlego e acho muito importante que ele esteja mudando de cara e formato.

L. Florence
professonika@bol.com.br

Trabalhei na área de mídia impressa, em que os layouts foram adaptados às necessidades de leitura do público. Descobri, com grande satisfação, esta mesma preocupação por parte da equipe que produz o "nosso" Jornal. Adorei o design gráfico mais leve, notícias de forma mais condensada e imagens abertas. Parabéns, também, pela qualidade dos textos.

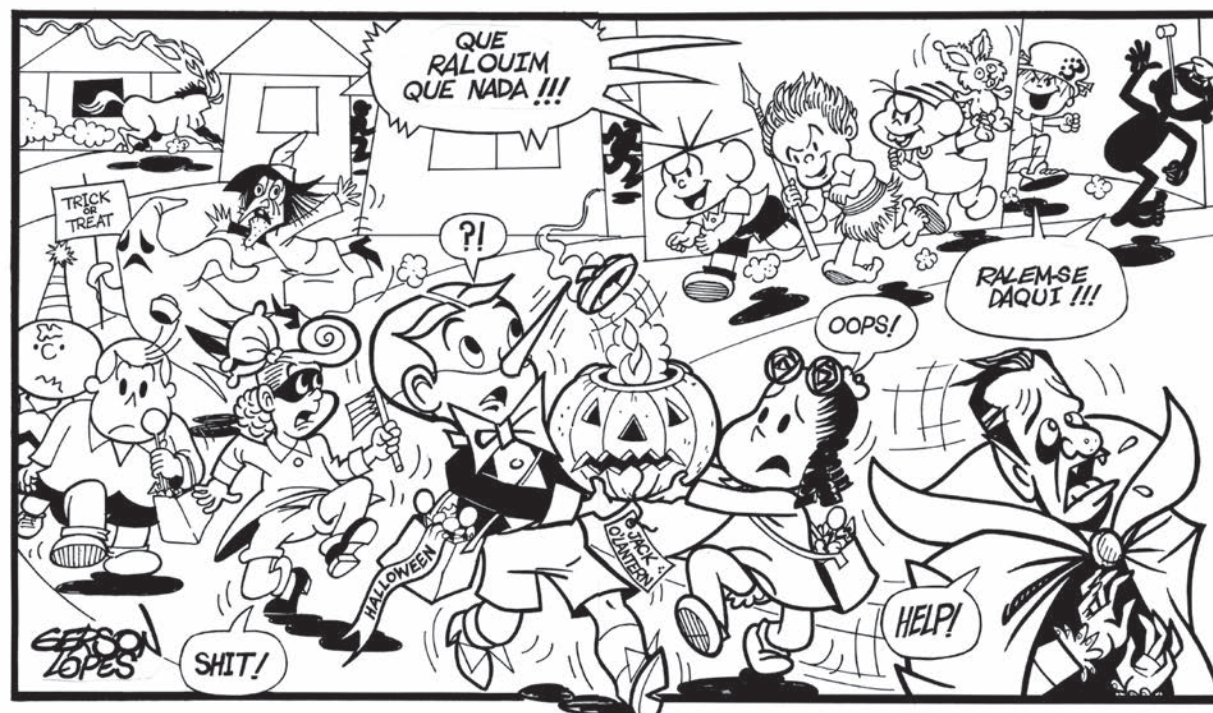
Helen Beatriz F. Rosados
Professora da Fabico-UFRGS

Gostaria de cumprimentá-los pelo novo visual do Jornal da Universidade. Vi apenas a capa na Internet, mas já pude notar que a mudança foi para melhor. Há muito que esperava este "sopro" gráfico. Parabéns.

André Dornelles Pares
adpares@gmail.com

Cartas para esta seção:
Jornal da Universidade
Av. Paulo Gama, 110
8º andar, CEP 90046-900
Porto Alegre, RS
e-mail: jornal@ufrgs.br

Charge



Gerson Lopes

Espaço da Reitoria

Mudanças sem sobressaltos

O momento é significativo para a universidade brasileira, porque dois acontecimentos estão diretamente vinculados ao seu processo de crescimento e de execução de sua tarefa social: a proposta de reforma da educação superior e a recente mudança no comando do Ministério da Educação.

Nos últimos meses, particularmente, em nossa Universidade, temos realizado importantes e necessários debates sobre a proposta de reforma da educação superior apresentada pelo Governo. Hoje, depois de diferentes análises, acréscimos no projeto original incluindo contribuições originadas aqui na UFRGS, há o entendimento de que a pro-

posta avançou contemplando antigas reivindicações do ensino superior como um todo e respeitando a missão das universidades públicas federais.

Em meio ao debate do projeto de reforma da educação superior, o Ministro da Educação Tarso Genro deixou o cargo para assumir outras funções. Se em outras circunstâncias históricas uma mudança ministerial deixava a universidade apreensiva, a realidade é de expectativa, sem sobressaltos. O fato de o novo Ministro ser um integrante da equipe anterior, um profissional de reconhecida competência, permite vislumbrar a manutenção dos compromissos assumidos com as

universidades federais e a continuidade dos projetos em curso. Neste sentido, pelo menos dois avanços devem ser destacados na gestão de Tarso Genro: o início de um processo de recuperação dos recursos de custeio das universidades e a intensificação do diálogo de toda a equipe do MEC com a comunidade acadêmica. Decorre destes procedimentos a expectativa quanto ao andamento da reforma da educação superior que, acreditamos, se dará em um clima de intensos debates, civilidade e respeito às opiniões contrárias.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farrouilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Com. Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Aron Taitelbaun, César Antonio Leal,
Diogo Onofre Gomes de Souza,
Eduardo Pedro Corsetti,
Enno Dagoberto Liedke Filho,
Luís Augusto Fischer, Marcia Benetti
Machado, Maria Heloisa Lenz e
Paulo Francisco Estrella Faria

REDAÇÃO
Editora-chefe
Ânia Chala
Editor-executivo
Ademar Vargas de Freitas
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres
Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra
Ilustrações
Gerson Lopes e José Pedro Bortolini
Revisão
Israel Pedrosa
Colaboraram nesta edição
Carine Leal, Caroline da Silva,
Fabiane M. Lima e Tanira Dornelles
Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e Impressão
Gazeta do Sul S.A.
Tiragem
12 mil exemplares

Artigo

Do Muro ao Portão

Os Portões de Brandeburgo continuam em pé como monumento histórico e como representação da divisão da Alemanha e da incorporação subalterna do Leste no início dos anos 1990. Com o chamado processo de "unificação" o que houve, na realidade, foi o coroamento do final da Guerra Fria em uma de suas vitrines, e a destruição de um modo de vida e de organização social singular. Em seu lugar não se construiu nada novo. A alternativa proposta não foi criada. Tábula rasa.

Assim, o processo de unificação não passou de uma operação publicitária e de uma fuga para frente de Helmut Kohl que enfrentava resistência na República Federal. Neste sentido, a unificação e sua forma acelerada consistiu apenas na incorporação e destruição em ambos os lados sem trazer nada de novo.

Seu objetivo explícito – dar fim à divisão política, criar uma sociedade unitária, com níveis semelhantes de desenvolvimento e oportunidades – não foi alcançado. O que surgiu foi uma república dividida, desigual e em franco processo de regressão. Porém, a incorporação possibilitou um imenso exército de reserva de trabalhadores endemicamente desempregados pela destruição do parque industrial oriental. Essa reserva é utilizada para degradar as conquistas sociais e os avanços culturais anteriormente alcançados nas duas Alemanhas.

O resultado imediato da unificação foi o desmantelamento de um parque industrial acusado de poluidor e superado tecnolo-

gicamente sem a sua substituição por novos equipamentos e processos. Ele foi simplesmente eliminado junto com a estabilidade social e seu característico tipo de vida provinciano. Por meio de um processo aventureiro, recursos públicos foram entregues, como subsídios, para que empresas comprassem e modernizassem as fábricas e unidades produtivas, que terminaram sendo saqueadas e vendidas como ferro velho. Este processo resultou na ampliação do mercado, pela eliminação de possíveis concorrentes para os beneficiários da privatização, que aumentaram seus capitais com recursos financeiros estatais baratos. O efeito desta política foi, da noite para o dia, a criação do desemprego endêmico, a redução real das pensões e benefícios oriundos da poupança do trabalho, além do grave problema do surgimento do neonazismo nesta região.

Vários fatores foram conjugados para possibilitar o surgimento e o crescimento do racismo e do neonazismo. Destacando-se a desmoralização midiática do "socialis-



A unificação consistiu apenas na incorporação e destruição em ambos os lados

mo real", potencializadora do desconforto e da crítica da população do leste ao seu governo; a objetiva incapacidade dos incorporadores em estender à nova área os propagandeados moldes de democracia e de bem-estar da República Federal. O que o novo padrão podia oferecer era apenas desemprego, instabilidade e regressão social, usados também para chantagear a população ocidental, para destruir as suas conquistas.

Um dos resultados disto foi a neonazificação de parte da população que se expressa eleitoralmente, possibilitando que a extrema direita radical alcançasse representação política regional. A outra parte da população descontente e frustrada tem fortalecido o PDS (partido dos ex-comunistas), que é legalmente impedido de organizar-se em todo o território federal, tornando-se um partido regional. Estas duas forças políticas antípodas canalizam os descontentamentos, frustrações e reações à forma de unificação e à manutenção da divisão – agora permeável e invisível.

A divisão que permanece invisibilizada se manifesta pelo desequilíbrio da taxa de desemprego, que é mais alta no leste; pelos preconceitos em relação à sua população e pela proibição de implantação federal do PDS. Disputando com a extrema direita radicalizada, este partido, em crescente progressão, tornou-se a segunda força política regional e o fiel da balança responsável pela derrota do governo democrata cristão de Berlim. Como força política, o PDS participa da administração de Berlim e está impedindo a destruição do resto das instituições sociais ao mesmo tempo em que patrocina novas experiências de auto-organização do trabalho. A força eleitoral deste partido expressa claramente a divisão invisível da Alemanha através dos portões de Brandeburgo: em 2001 tendo obtido o voto de 22,6% dos eleitores apresentava expressivo desequilíbrio entre seus aderentes que, alcançando a cifra de 47,6% dos votos nos antigos orientais, conseguiu apenas 6,9% de adesão na parte ocidental de Berlim.

Apesar da unificação política e econômica representada na queda do muro, barreira física e concreta, as divisões agora econômicas, culturais e sociais permanecem representadas no portão de Brandeburgo – de forma simbólica e por longo tempo.

Luiz Dario Teixeira Ribeiro
Professor adjunto do Departamento
de História – IFCH/UFRGS

UFRGS desenvolve Diagnóstico Ambiental

Ecologia Dados e mapas contribuirão para melhorar a qualidade dos licenciamentos ambientais

Ademar Vargas de Freitas

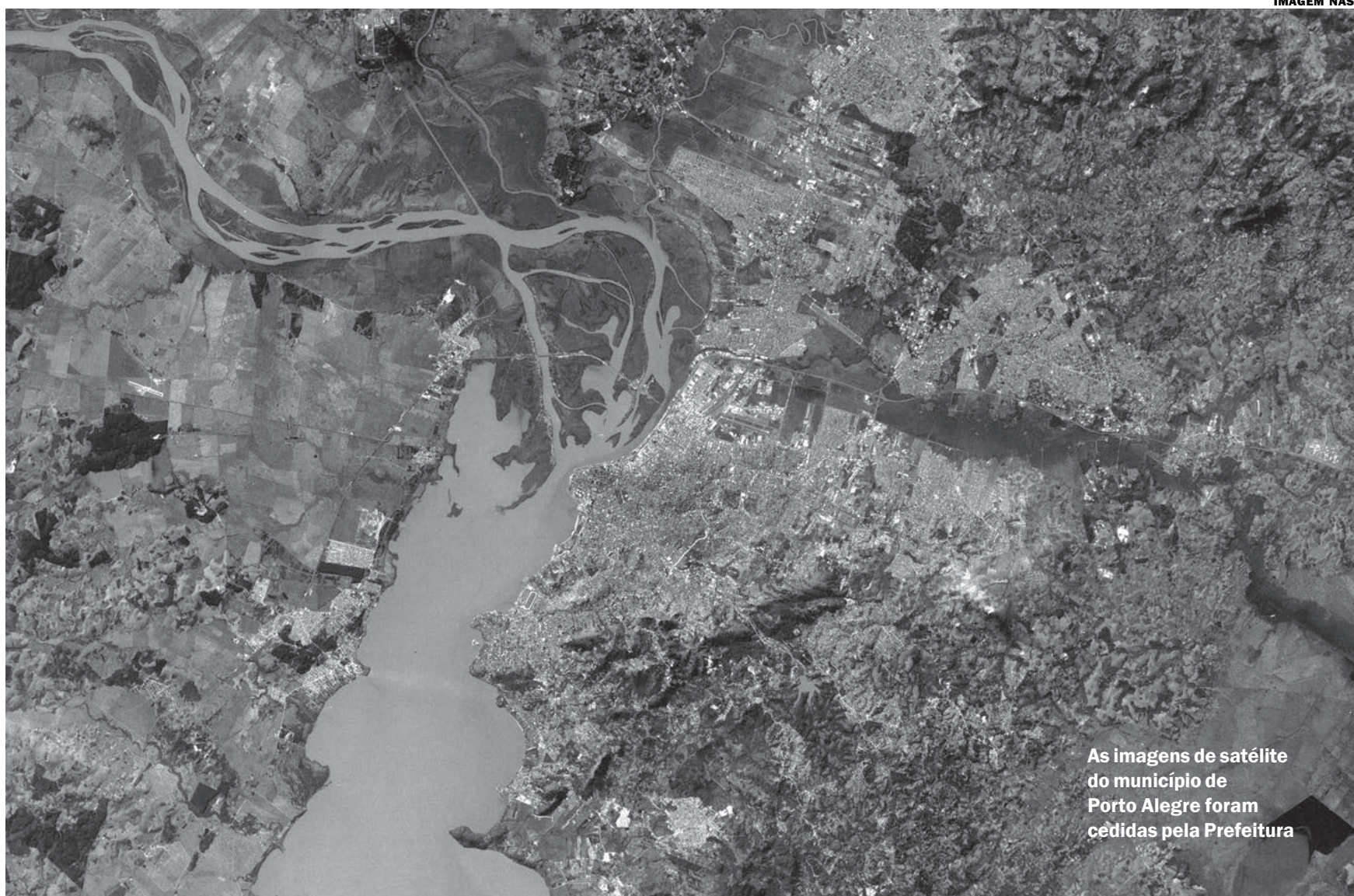
O Diagnóstico Ambiental do Município de Porto Alegre, feito pelo Centro de Ecologia do Instituto de Biociências da UFRGS a partir de imagens obtidas pelo satélite Quickbird, já pode ser utilizado pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), que o encomendou. Ele é composto por mapas e dados associados, e mostra, pela primeira vez de forma contínua, os tipos de solo, dados sobre vegetação, ocupação urbana, águas superficiais e águas subterrâneas. A legenda permite inferir sobre o estado da vegetação, inclusive a arbórea.

Por ocasião da apresentação do trabalho aos técnicos da SMAM, no dia 4 de julho, o secretário municipal do Meio Ambiente, Beto Moesch, afirmou que o Diagnóstico servirá para revelar a biodiversidade remanescente em Porto Alegre, constituindo-se num instrumento de gestão para licenças, fiscalização e até educação ambiental de que poucas cidades brasileiras dispõem. “Também servirá para estudos das áreas de proteção do ambiente natural, previstas no Plano Diretor e na Lei Orgânica do Município.”

Para executar o trabalho, concluído em dez meses, o geógrafo Heinrich Hasenack coordenou uma equipe de 25 pessoas, entre professores, estudantes de graduação, de pós-graduação e técnicos do Instituto de Biociências, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas, da Faculdade de Agronomia e da Escola de Engenharia. Formaram-se grupos temáticos com engenheiros-agrônomo, engenheiros civis, geólogos, geógrafos, biólogos, acadêmicos de biologia, de medicina veterinária e professores de botânica.

O Diagnóstico pode ser utilizado para melhorar a qualidade dos licenciamentos ambientais. “Se é uma residência, o técnico da SMAM decide se pode cortar árvores e se é necessário repor vegetação para compensar eventual corte. Se é um empreendimento maior – um bloco de edifícios, uma indústria, um estádio de futebol – vai necessitar, entre outras, de licença ambiental.” E pode ter uso mais amplo ainda. A Secretaria Municipal de Obras e Viação (SMOV) pode usá-lo para ver se vale a pena ou não abrir uma rua, levando em conta a vegetação existente. Ou se uma obra terá custo mais elevado, por estar sobre área de banhado.

Hasenack diz que os técnicos da SMAM estavam carentes de um instrumento que permitisse reduzir a subjetividade na tomada de decisão, já que o material



As imagens de satélite do município de Porto Alegre foram cedidas pela Prefeitura

de que dispunham era muito genérico. “Havia uma grande diferença de julgamento entre os encarregados da tarefa, e o objetivo é auxiliá-los a decidir e a justificar de forma técnica uma eventual negativa de licença.”

Os técnicos precisavam de um conjunto de mapas temáticos em meio digital que pudesse ser consultado por um sistema instalado na Secretaria. E deveria conter um arquivo gráfico que permitisse visualizar as informações em forma de mapa, consistindo em

“É justo que o público tenha acesso a essas informações”

um banco de dados para consultas sobre as características dos elementos presentes em cada mapa.

Estar em meio digital facilita, tanto a atualização e a correção, quanto o cruzamento ou a superposição das informações. Na proposta original, o sistema de consulta seria cativo de um *software* comercial que a SMAM possui. Mas, tanto o custo de aquisição da licença para produzi-lo, quanto o custo para posterior utilização eram muito altos. Então, desenvolveu-se o projeto em *software* livre, como ocorre com al-

gumas iniciativas da Procempa, empresa municipal de processamento de dados. Mesmo com acesso livre, é possível bloquear partes do Diagnóstico.

Crianças podem usar – Informações sobre vegetação e ocupação foram geradas sobre imagem de satélite fornecida pelo Município. O pessoal de solos utilizou um conjunto de fotografias aéreas, cedidas através da Secretaria do Planejamento, além de informações básicas de localização, como limite territorial, bairros, ruas. “Para que as camadas pudessem ser superpostas, foi necessário utilizar a mesma grade de coordenadas. Geramos essa informação usando o sistema de coordenadas do Município, mas a imagem teve de ser montada, pois veio em pedaços.”

Além de ser um instrumento de gestão, o Diagnóstico Ambiental do Município de Porto Alegre servirá como ponto de partida para a instituição de áreas de preservação ambiental, podendo também ser utilizado por qualquer pessoa. “Foi produzido com dinheiro público e já se pagou. As crianças podem usar esses mapas na escola, os professores podem usá-los para preparar aulas, qualquer um pode usar a imagem para imprimir um cartão postal”, diz Hasenack. Para acessar o Diagnóstico use o endereço: www.ecologia.ufrgs/atlasdigital/diag_ambiental.

Como foi desenvolvido o projeto

A imagem utilizada no Diagnóstico foi mosaicada com pedaços de imagens obtidas entre março de 2002 e março de 2003 pelo satélite Quickbird. O professor Heinrich Hasenack acha importante que, daqui a alguns anos, se adquiram novas imagens para atualizar o produto e fazer uma espécie de monitoramento, como determinar o quanto o Município está perdendo em área verde, em que direção a cidade está crescendo, onde está se adensando ou em que setor as casas vão dando lugar aos edifícios.

“Antes, as imagens não ofereciam o detalhamento necessário à tomada de decisão por parte dos diferentes órgãos, o que conseguimos oferecer agora, de maneira prática”, diz Hasenack. “Mas, se eu não divulgar amplamente essa informação, que argumento terei para obter uma informação nova daqui a cinco anos? Temos que usar isso o mais rápido possível.”

Para uniformizar procedimentos, foram feitas algumas saídas de campo. Como o mapa de vegetação foi elaborado por diversos profissionais, o campo foi útil para criar um entendimento comum: a mata interpretada por um tem que ser a mesma interpretada por outro profissional, minimizando o erro. Também foram visitados alguns pontos para olhar a vegetação e de-

finir uma maneira de classificá-la no mapa, unificando as legendas. Para ter mais segurança, foi feito um sobrevôo, pois muitas vezes é difícil separar áreas com vegetação arbórea de áreas de campo. “Dois terços das áreas de baixo impacto são de floresta. Mas o campo está mais ameaçado, e é importante que seja preservado, pois é nativo também e tem outra diversidade, outra vegetação, outra fauna.”

Depois, se fez uma descrição, se gerou o mapa de vegetação e o negativo dele, o mapa de ocupação. Então, foi feito o mapeamento geológico, que teve de ser estendido para toda a área do Município. Derivou-se o mapa geotécnico das características do solo. Para o solo também se fez perfis, utilizando cortes de estrada ou cavando pontos estratégicos para sua caracterização.

“A seguir, observamos a drenagem superficial, para ter idéia da hierarquia fluvial, ver os arroios mais importantes, o Feijó, o Dilúvio, o Salso, o Varejão, o Sanga da Morte, o Teresópolis, o Passo Fundo. Também se fez um mapa dos poços de água subterrânea, por bairro e por sub-bacias. Qual a tendência da drenagem subterrânea? A água que infiltra no solo tende a ir para que direção no contexto da bacia? É um dado inédito nessa abrangência.”



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
COPERSE

Vestibular

2006

CURSOS NOVOS
Engenharia Ambiental Design-Habilitação Design de Produto Design-Habilitação Design Visual



INSCRIÇÕES

de 16 de agosto a 15 de setembro de 2005

www.vestibular.ufrgs.br da 00 hora do dia 16/08 até as 23h59min do dia 15/09/2005



UFRGS cresce, mas faltam professores

Recursos humanos Apesar da carência de docentes, a Universidade cria cursos e vagas no vestibular

Jacira Cabral da Silveira

Existem hoje na UFRGS 451 professores substitutos. Isso representa cerca de 1/5 do quadro docente distribuído nos 92 departamentos da Universidade. Até o final do primeiro semestre de 2006, a Pró-reitora de Recursos Humanos, Maria Adélia Pinnhal de Carlos, espera nomear mais 90 professores a serem selecionados por concurso até o final deste ano. Segundo ela, estão sendo nomeados neste semestre os professores professores selecionados em 2004.

Embora reconheça a recuperação do quadro docente, o Pró-reitor de Graduação, Carlos Alexandre Netto, diz que faltam ainda 400 professores para que a UFRGS possa corresponder ao seu crescimento permanente na criação de novos cursos e na oferta de mais vagas no vestibular. “Temos um quadro insuficiente para dar conta de todas as atividades acadêmicas. Essa situação colocada pelo Ministério nos obriga a lançar mão de professores substitutos.” Conforme os dados da Prograd, em 1999, a Universidade contava com 2.260 professores e hoje tem 1.996.

Aposentadorias – A carência atual dos quadros de servidores das Ifes, originária, num primeiro momento, pela sistemática falta de concursos, nos últimos anos tem se agravado devido ao volumoso número de aposentadorias. Estas ocorreram principalmente no início da década de 90 e no ano de 2003. Inseguros na eminência de reformas previdenciárias, professores e técnicos administrativos optaram pela aposentadoria na tentativa de evitar perdas salariais e de benefícios. A tensão deflagrada em 2003 começou quando alguns setores do governo cogitaram colocar em tramitação o Projeto de Lei nº 9

(PL 9/99), proposto pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, para ser a base da Reforma da Previdência. Embora a iniciativa não se tenha confirmado, o conflito se intensificou ainda mais com a apresentação do Projeto de Emenda Constitucional nº 40 (PEC 40/2003), que previa, entre outras mudanças, a taxaço dos inativos e o estabelecimento de um teto de aposentadoria para os servidores públicos.

Temporários – Alguns departamentos têm mais professores substitutos do que outros, e esta é uma das preocupações da Prograd junto ao Conselho Universitário na realização de concursos e na alocação de vagas. Segundo Alexandre Netto, a distribuição é feita a partir de um índice que calcula a deficiência de quadro docente para atender todas as atividades acadêmicas de cada departamento.

A partir de 2000, quando o MEC começou a liberar vagas para concurso, os setores com maior deficiência acabaram sendo contemplados prioritariamente: “Mesmo assim, ainda há departamentos que chegam a ter 35% de seu quadro com contratos temporários”, diz o Pró-reitor.

Por outro lado, o presidente da Adufrgs, Eduardo Rolim, critica o acúmulo de função por parte dos professores efetivos em decorrência do excessivo número de substitutos. Como estes só podem dar aula, sobra para os demais a distribuição de tarefas que dizem respeito à pesquisa, à extensão e às atividades administrativas dos departamentos e unidades.

No departamento de Química Orgânica, por exemplo, onde Eduardo Rolim está alocado, dos 17 professores, nove têm cargos além das atividades docentes. “Ou seja, mais da metade do departamento está em função, além das aulas, é claro.”

A UFRGS espera que, até o primeiro semestre de 2006, mais 90 professores estejam em sala de aula



FLÁVIO DUTRA

Quadro é insuficiente para dar conta das atividades acadêmicas

Números aumentam

De 1990, quando houve a primeira retirada em massa de professores durante o breve governo de Fernando Collor de Mello, para 2005, depois da segunda debandada em 2003, com a reforma da Previdência, a UFRGS passou de 44 para 62 cursos de graduação.

Essa oferta e a iniciativa de melhor ocupação das vagas causaram aumento no número de matrículas na graduação: 18.310 em 2000 e 20.973 em 2004, um aumento de 14,5%, conforme o último relatório de gestão.

Também o número de cursos de pós-graduação aumentou. Com

base no período de 1996 a 2004, houve uma expansão de 32% na oferta de cursos de mestrado e de 115% de cursos de doutorado. Os dados da Capes reforçam estes índices. Neles, a UFRGS representa 55% do total de cursos de doutorado e 44% dos de mestrado da Região Sul.

Biblioteca Central disponibiliza acervo

Livros e periódicos Para o acesso é preciso apenas apresentar o cartão de identificação da UFRGS

Sônia Torres

Aos novos alunos e também para os que já são veteranos, a Biblioteca Central da UFRGS disponibiliza algumas dicas para o bom uso do acervo, além de recomendações para o manuseio das obras visando sua conservação. De acordo com a diretora, Viviane Carrion Castanho, a função primordial da biblioteca universitária é prover a infraestrutura bibliográfica, documental e informacional, com a finalidade de apoiar as atividades da Universidade.

São 33 bibliotecas, sendo uma central e outras 32, divididas em 29 bibliotecas setoriais especializadas, duas bibliotecas de

ensino fundamental e médio no Colégio de Aplicação e uma para o ensino técnico, na Escola Técnica. Além dessas, há a biblioteca depositária da documentação da Organização das Nações Unidas (ONU), localizada no prédio da Faculdade de Direito da UFRGS. Cada biblioteca tem acervo, serviços e horários de funcionamento distintos, permitindo que o aluno de uma unidade possa retirar material e utilizar os serviços de todo o sistema.

Trata-se de um acervo bastante variado, com obras de referência multidisciplinares, composto por enciclopédias, dicionários, guias, almanaques, bibliografias nacionais e estrangeiras, co-

leções de jornais e de periódicos interdisciplinares, além da coleção Eichenberg, adquirida no final dos anos 1960.

O Sistema de Automação de Bibliotecas (SABi) exerce as funções de catálogo *on line* do acervo e realiza os principais serviços do sistema de bibliotecas, ou seja, a circulação, a renovação e a reserva de material. Esses serviços estão disponíveis pela Internet no horário das 4h às 23h30min, no endereço www.sabi.ufrgs.br.

A Biblioteca Central também oferece o serviço de comutação, que faz a busca de artigos ou dissertações e teses, que não estejam disponíveis na UFRGS. O usuário pode solicitar a busca

por meio do Programa de Comutação Bibliográfica.

De acordo com Viviane Carrion Castanho, um dos principais serviços da biblioteca é o acesso à base de dados de cada área do conhecimento. Isso é realizado por meio de um consórcio coordenado pela Capes. Essas bases de dados são as fontes de informação que o aluno ou o pesquisador têm para pesquisa.

Para dar acesso, as bibliotecas normalmente mantêm computadores que são usados preferencialmente para esse fim. A Biblioteca Central tem esse serviço diferenciado de inclusão digital, permitindo à comunidade externa a utilização dos computadores.

LEIA E PRESERVE

Cuidados com as obras devem ser observados para garantir a conservação. Por isso, evite:

- Manusear com as mãos sujas ou fazer refeições junto aos livros
- Debruçar-se sobre a obra; grifar, sinalizar ou anotar
- Arrancar ou recortar páginas, marcá-las com clips ou dobras
- Molhar a ponta dos dedos para virar a página e usar fita adesiva para consertos

Como é a vida nas Casas de Estudantes

Comportamento *Moradores falam sobre as vantagens e desvantagens da convivência em grupo*

Jacira Cabral da Silveira

Primeiro é o vestibular. Acampar com alguém da família na capital, aguardar notícias... Sai o listão e lá está o nome. É aí que começa outra maratona: concorrer a uma das 542 vagas das três casas de estudantes da UFRGS. "Se tivesse que pagar aluguel, não poderia estar estudando", confessa Cláudio, estudante de Letras e morador da Cefav, Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária há três anos.

Assim como Cláudio, sua vizinha Valéria, estudante de Veterinária há dois anos na Casa, sabe o valor de uma hospedagem gratuita. Tanto na Cefav como na Ceufrgs, Casa do Estudante Campus Saúde, a seleção de novos moradores é feita pelos próprios alunos, através de entrevistas e avaliação da ficha sócio-econômica.

Privacidade – "Acho bom morar aqui, porque qualquer dúvida que tenho encontro alguém que pode resolver", afirma William, 20 anos, que está no quinto semestre do curso de Administração de Empresas e chegou na Ceu, Casa do Estudante Universitário Campus Centro em dezembro de 2003.

Para Carina, estudante de Artes Cênicas e moradora da Cefav há dois anos e meio, o grande inconveniente é não ter café da manhã nem janta, "pois temos que sair às 7h15min da Cefav para conseguir tomar café no RU do centro."

Juliana, de 21 anos, estudante de Biblioteconomia e moradora da Casa do Estudante no Campus Saúde, acha que a vida na casa do estudante traz uma formação paralela à acadêmica. "Só quem é ou foi morador entende o que significa dividir um espaço de moradia tão pequeno com tantas pessoas."

Pluralidade – O que mais deixa



marcas em Juliana, que reside na Ceufrgs há três anos, são as amizades e a pluralidade de culturas. Nas casas residem pessoas de cidades diferentes e de diferentes cursos. Porém nem tudo é fácil: "é preciso trabalhar para chegar num consenso e é este exercício de convivência que enriquece a gente", diz a estudante.

Oportunidade para aprender a conviver com a diferença é o que não falta. Clarissa, estudante de História, não estranha ter que dividir o quarto com um guri. O inconveniente é ter que se vestir no banheiro externo aos quartos. Mas nada deixou a menina de Ijuí tão triste como quando sumiu seu animal de estimação. Os moradores da Cefav têm esse privilégio, mesmo quando o animal escolhido foge do convencional. "Esses dias roubaram o meu galo," lamenta Clarissa. (*Colaborou Fabiane Machnatz Lima*)

Agora as casas têm direção própria

A socióloga Maria Elisabeth Martins assumiu em julho a direção das Casas de Estudantes da UFRGS, tarefa que até então era desenvolvida juntamente com a administração da Colônia de Férias. Para ela, a mudança favorecerá a melhoria das condições estruturais das casas, com a administração de questões próprias de uma vida em coletividade. "Queremos trabalhar a imagem das casas, sem vê-las apenas como alojamentos."

São três as casas de estudantes da UFRGS. A Ceu, na Av. João Pessoa, com 396 vagas, foi inaugurada em 1971. A Cefav, junto às Faculdades de Agronomia e Veterinária, dispõe de 104

vagas e funciona desde 1957. A mais antiga é a Ceufrgs, criada em 1948, que oferece 42 vagas e funciona na Rua São Manoel no Campus Saúde.

Além dos dormitórios – que em geral são para dois moradores – e dos banheiros coletivos, as casas têm espaços onde são realizadas reuniões, aulas de yoga e até algumas festas só para os moradores. Segundo o secretário para Assuntos Estudantis da UFRGS, Angelo Ronaldo Pereira da Silva, até o final do ano, serão instalados novos equipamentos nas salas de informática das casas, sendo que a Ceu já possui ponto de rede em cada um dos quartos.

Invasão feminina

Hoje isso pode parecer irreal, mas até 1980 o acesso à Casa do Estudante do Campus Centro era restrito aos homens. Nem mesmo as mães dos alunos eram autorizadas a visitarem seus filhos nos dormitórios. Em abril daquele ano, um grupo de alunas organizou a ocupação da casa.

O professor do Instituto de Artes, Luiz Eduardo Achutti, então um estudante, relembra: "Uma amiga me convidou para fazer umas fotos da ocupação." Ele recorda que a situação era tensa, com muita polícia na rua. "Hoje é óbvio que Casas de Estudantes podem ter mulheres e homens, mas há 25 anos atrás, parecia mentira, era um perigo moral."

UFRGS envia sugestões sobre orçamento ao MEC

Planejamento *Encontro de pró-reitores debateu estratégias de desenvolvimento*

Tanira Dornelles

A Pró-reitoria de Planejamento e Administração da UFRGS encaminhou ao MEC um documento com sugestões sobre as questões da execução e as necessidades de complementação orçamentária, assim como sugestões para a proposta do orçamento de 2006. O texto foi gerado durante o encontro anual do Forplad, Fórum de Pró-reitores de Planejamento e de Administração das Instituições Federais de Ensino Superior, realizado em junho na nossa universidade.

O evento teve entre seus principais temas a discussão sobre a necessidade de assegurar um cenário de desenvolvimento institucional, no qual a gestão do

conhecimento assume uma dimensão estratégica, capaz de reforçar a qualidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão das Instituições Federais de Ensino Superior.

Durante a reunião, a Pró-Reitora de Planejamento e Administração da UFRGS, professora Maria Aparecida Grendene de Souza, passou a integrar a comissão de orçamento do Forplad. A Pró-Reitora acredita que a UFRGS teve uma participação importante no Fórum: "Nossa universidade se destaca no universo das instituições federais, por exemplo, pela sua dimensão de pesquisa, pelo seu programa de informatização, e também por uma forte consolidação do trabalho de avaliação institucional."

6º Salão de Extensão prepara-se para discutir cultura e sociedade

Extensão *Evento, previsto para o final de agosto, terá pela primeira vez a participação de outras universidades*

Tanira Dornelles

A UFRGS promoverá nos dias 29, 30 e 31 de agosto o *6º Salão de Extensão* no Campus Olímpico da Escola de Educação Física – ESEF. O evento tem como tema de discussão principal "Extensão, Cultura e Sociedade" e prevê a participação de 288 trabalhos e projetos, que serão divididos em 24 sessões de apresentação. Aqueles de maior destaque concorrerão a dois computadores. O melhor projeto também receberá um computador como premiação.

Pela primeira vez, o Salão de Extensão contará com a presença de outras Universidades do Estado. Antônio Carlos Stringhini Guimarães, Pró-reitor de Ex-

tensão da UFRGS ressalta que, neste ano, a participação será simbólica, com apenas dois trabalhos de cada Instituição: "Nós não sabíamos qual seria a receptividade da idéia, mas inclusive universidades de fora do Estado estão querendo matricular trabalhos." Ele afirma que a estrutura do Salão não pode comportar mais do que as 288 vagas oferecidas, no entanto o interesse de tantas universidades é uma garantia de que no futuro o evento deve expandir-se.

Antônio Carlos também ressalta a importância da colaboração entre universidades: "São mais de 20 instituições do Estado que têm atividades de extensão, então é nosso dever interagir com a comunidade e com aqueles que fazem os projetos de ex-

tensão". Para ele, essa interação propiciará futuras colaborações e parcerias entre universidades.

Além de apresentações de trabalhos de extensão o Salão irá oferecer atividades culturais como sessão de cinema, programações artístico-culturais e, na aberura, um espetáculo no Salão de Atos com a presença de Zé Miguel Wisnik, Arthur Nestrovski e Zé Celso Martinez Corrêa. Serão realizadas oficinas e minicursos, assim como uma série de conferências discutindo o tema "Extensão, Cultura e Sociedade". As inscrições para a participação da comunidade nas oficinas e minicursos do *6º Salão de Extensão* são gratuitas e abrem no dia 8 de agosto no site www.prorext.ufrgs.br/6salao.



Projeto viabiliza trocas com a periferia

Extensão *Conexões de Saberes oferece bolsa a 25 alunos de graduação vindos de comunidades carentes*

Ademar Vargas de Freitas

O Projeto Conexões de Saberes/UFRGS, que visa a estimular a troca de conhecimentos entre a Universidade e comunidades populares, será lançado oficialmente no final de agosto durante o 6º Salão de Extensão (ver matéria na página anterior). Através dele, o Departamento de Educação e Desenvolvimento Social, da Pró-reitoria de Extensão, oferece bolsas de estudo a 25 alunos de graduação oriundos de territórios de periferia, com baixo poder aquisitivo e com dificuldades para se manter na universidade.

Para a realização do projeto já existe uma dotação orçamentária de R\$ 162 mil, e esses bolsistas, selecionados durante o mês de agosto, estarão agregados ao trabalho antes mesmo do lançamento, informa a vice-pró-reitora de Extensão e diretora do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social, professora Sara Viola Rodrigues. “Com essa importância, teremos condições de oferecer as bolsas, adquirir material de consumo e cobrir outras despesas, como deslocamentos”.

A meta é desenvolver a capacidade desses alunos de produzir conhecimentos científicos e acadêmicos, e de intervir tanto na UFRGS quanto na comunidade de origem, diz a coordenadora do projeto, professora Maria Aparecida Bergamaschi, da Faculdade de Educação. Ela espera produzir material informativo sobre essas políticas públicas, garantindo sua ampliação. Com isso, haverá dois ganhos: o aluno vai permanecer na universidade e terá condições de acompanhar e fazer pesquisa.

“Nessa troca de saberes populares e acadêmicos, o aluno vai inserir-se no ambiente acadêmico com mais segurança e, principalmente, com a auto-estima fortalecida. O que se deseja é que ele não perca a sua identidade. Ao contrário, que se orgulhe dela.”

Negros e indígenas – Maria Aparecida Bergamaschi diz que a característica específica do projeto é trabalhar em dois caminhos bem definidos. Primeiro, o acompanhamento sistemático da trajetória dos bolsistas, com orientação sobre ensino, pesquisa e extensão, priorizando sua produção acadêmica. Isso vai culminar com a publicação de um livro contendo as histórias de vida desses bolsistas.

O outro caminho é atuar nesses projetos de pesquisa e



FLÁVIO DUTRA

Maria Aparecida Bergamaschi acredita que o projeto facilitará a inserção do aluno no ambiente acadêmico

extensão da Universidade, orientados pelos professores, pesquisadores e coordenadores de projetos de extensão, em três territórios: o das comunidades indígenas, o das ações anti-racistas dirigidas a grupos de afro-descendentes e o das ações de inclusão digital. Na Universidade já existem trabalhos sendo realizados com escolas de periferia e que agora serão ampliados. A própria coordenadora do projeto está concluindo tese de doutorado

As histórias de vida dos bolsistas serão publicadas em livro

sobre seu trabalho com duas escolas indígenas em comunidades guarani situadas próximas ao Campus do Vale. Paralelamente ao trabalho de pesquisa, ela desenvolve projetos de extensão junto a essas comunidades, com a formação de professores e a produção de material. Em função disso, recentemente, foi produzido um CD com cantos indígenas guarani, o “Nhanderu Jepoverá” (à venda no Museu da UFRGS). E está sendo edi-

tado um livro em língua guarani, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação.

A professora Maria Aparecida pretende criar um portal para as comunidades indígenas kaingang e guarani, reunindo os bolsistas com professores indígenas que estudam no Ensino Médio e já são parceiros nos projetos de extensão da Universidade. “Esse é um sonho, um desejo, uma necessidade dessas comunidades, a exemplo do que já ocorre em outras partes do Brasil e em outros países americanos.”

O Conexões de Saberes/UFRGS faz parte do Programa Conexões de Saberes: Diálogo entre as Universidades e as Comunidades Populares do MEC/Secad, vinculado ao Programa Educação para Todos. Ele foi intermediado pelo pró-reitor de Extensão, professor Antônio Carlos Guimarães, e tem o apoio do Reitor, das pró-reitorias e das unidades envolvidas, como o Centro de Processamento de Dados, que oferece a infraestrutura adequada.

As inscrições ficam abertas até o dia 5 de agosto, na Prorext (5º andar do prédio da Reitoria, no Campus Central, telefones 3316-3044 e 3316-3455 ou através do [site www.prorext.ufrgs.br/deds](http://sitewww.prorext.ufrgs.br/deds). Para detalhes, acesse www.prorext.ufrgs.br/deds/conex/principal.htm.

Professor Christophe Charle na UFRGS

Política *Historiador analisou trajetória e papel dos intelectuais europeus*

Carine Leal

O termo intelectual surge na França no fim do século XIX, caracterizando uma série de letrados que defenderam a revisão do processo que ficou mundialmente conhecido como “Caso Dreyfus”, hoje utilizado como metáfora para casos de injustiça. O grande nome na peleja foi o do escritor Émile Zola, que não sobreviveu para ver sua vitória. Em junho, o intelectual francês Christophe Charle veio ao Brasil contar a história de como o termo se universalizou.

A comparação entre a história intelectual na França, Alemanha e Grã-Bretanha foi um dos temas do ciclo *Intelectuais e Política em Perspectiva Comparada*, realizado no auditório do Ilea, Instituto Latino-americano de Estudos Avançados numa promoção do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS, dentro do convênio Capes/Cofecub, coordenado por Hélgio Trindade.

Christophe Charle alcançou lugar de destaque no campo acadêmico francês e europeu ao utilizar a metodologia do sociólogo Pierre Bourdieu em estudos de História. Com vasta circulação internacional, Charle é atualmente um dos maiores especialistas europeus em História dos intelectuais e de instituições culturais.

Além da história dos intelectuais, Charle abordou o tema *As Elites da República na França (1870-1940)*. Este período, também chamado de Terceira República Francesa, foi de mudanças

▶ QUEM É

Christophe Charle

Professor de História Contemporânea da Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne) e diretor do Instituto de História Moderna e Contemporânea da École Normale Supérieure (CNRS/ENS). Entre suas principais obras estão *Les élites de la République (1880-1900)* (Fayard, 1987), *Naissance des « intellectuels » (1880-1900)* (Minuit, 1990), *La République des universitaires* (Seuil, 1994) e *La crise des sociétés impériales (1900-1940), essai d'histoire sociale comparée de l'Allemagne, de la France et de la Grande-Bretagne* (Seuil, 2001).

nos critérios de formação de elites, dando início ao sistema meritocrático, ideologia que foi exportada para todos os continentes e que defende a ocupação de postos públicos com base na competência profissional. A difusão dos concursos para cargos públicos é um dos exemplos desse sistema, que batia de frente com os critérios de privilégio e favoritismo do regime anterior.

Nas suas pesquisas sobre história das elites, Charle analisa biografias coletivas de cada grupo social, método que também atende pelo nome de prosopografia. E foi justamente a questão metodológica que encerrou o ciclo.

Objetivos do Projeto Conexões de Saberes/UFRGS

1 – estimular maior articulação entre a UFRGS e as comunidades populares através da troca de saberes e experiências, e da identificação de demandas;

2 – possibilitar aos jovens universitários de origem popular o desenvolvimento da capacidade de produção de conhecimentos científicos

e a ampliação de sua capacidade de intervenção nos territórios de origem;

3 – promover diagnósticos e estudos continuados sobre a estrutura universitária e as demandas específicas desses estudantes, propondo medidas que criem condições para maior acesso e permanência com qualidade dos estudantes oriundos das fave-

las e periferias nas instituições de ensino superior;

4 – possibilitar a criação de metodologias com a participação dos jovens universitários dessas comunidades, voltadas para o monitoramento e avaliação do impacto das políticas públicas desenvolvidas nos espaços populares.

Tia do RU: “É aqui que eu me sinto gente”

Amizade e respeito *Atendente do Restaurante Universitário recebe o carinho de alunos no Campus do Vale*

Ademar Vargas de Freitas

A amizade de Tânia Inês Volpato Ramos com os alunos que frequentam o RU do Campus do Vale teve início quando a roleta do restaurante estragou, e ela ficou recebendo os *tickets* na entrada e dando bom-dia a cada um que passava: “bom-dia, bom-dia, bom-dia”. Os colegas brincavam: “Bota um gravador que é melhor”. Mas ela gostava de dar bom-dia e de brincar com os alunos. Tanto, que a simpatia resultou em ações.

“No Natal, boto barrete de Papai Noel e brinco. Na Páscoa, também faço brincadeiras. Então, pegaram carinho por mim. Nem todos, é claro. Tem umas gurias que me dizem: ‘Ai, Tia, eu gosto tanto da senhora, a senhora é tão alegre’. Mas tem outras que nem olham pra mim.” No aniversário dela, os fãs mais afoitos encheram o restaurante com balões e trouxeram um bolo com os dizeres “Amo a Tia do RU”.

No ano passado, uma aluna, Soraya Hossain, criou uma página sobre “a Tia do RU” no Orkut, rede virtual que interliga amigos na Internet. “À uma da madrugada, meu filho mais novo, que às vezes fica na Internet a noite toda, me chamou: ‘Mãe, vem ver o que fizeram contigo’. Fui ver, e lá estava a minha foto, em formato de coração. Depois vinha a foto de cada um e, no



“Eu brico com eles, e eles têm carinho e respeito por mim. No Orkut já são quase 700”

lado, o quanto eles achavam de mim.” De 130 amigos registrados na época, a página já está com quase 700. “Eles me vêem aqui no RU, conversam comigo, e um vai chamando o outro. Porque o Orkut é uma comunidade em que um chama o outro, tem

códigos, não pode entrar sem ser convidado.” Mesmo tendo de usar uniforme e touca, Tânia sempre se pinta para trabalhar, usa sombra para destacar o azul dos olhos. “Antes, eu usava cabelo comprido, amarrado, mas agora cortei um pouco, pra mu-

dar a fisionomia”, explica, tirando a touca e exibindo o corte moderno no cabelo novamente loiro. “Um dia, uma aluna me viu de cabelo solto e exclamou: ‘Mas, como a Tia tá bonita!’. E eu respondi: ‘Bom, eu não tô sempre de uniforme, né?’”.

LEVANDO A VIDA

“Sou muito feliz dentro da Universidade. Estou sempre brincando com um, brincando com outro. Em casa, meu marido anda muito nervoso, atucanado por causa da saúde, desde que teve uma convulsão, e por causa da minha diabete. No resto, a vida da gente é boa. Ele não bebe, não fuma, temos uns filhos bonitos e bem relacionados, e a gente vai levando a vida.”

O TIO DA TIA

“Um dia, meu marido veio me buscar, e esses alunos que tiraram foto comigo cercaram o carro dele na entrada do *campus*: ‘Olha só, o Tio da Tia! Ele é nosso tio também!’. Mais tarde, Juarez insinuou que eu era ‘muito dadinha’. Não gostei: ‘Dadinha, não! Eles têm carinho e respeito por mim’. Sou espontânea e divertida, gosto de brincar com todo mundo, mas, quando fico braba... meu marido diz que meus olhos parecem duas espirais.”

MÃE-CORUJA

“Fernando é gerente-geral para todo o Brasil de uma indústria de alimento para animais. Cláudia é jornalista, mas se dedica ao cinema. Dirigiu um curta-metragem de terror, “O Livro Negro”, que concorreu no Festival de Cinema de Gramado. Escreveu o roteiro junto com o irmão mais novo, Manoel Felipe, que trabalha como analista de sistemas numa firma de alimentação e, nas horas vagas, faz redes de computadores e conserta PCs.”

SONHO MEU

“Fiz até o segundo ano do segundo grau. Depois, meu marido e minha sogra não queriam que eu estudasse mais, que era para eu cuidar dos filhos. Dois anos atrás, fiz o supletivo e terminei o segundo grau. Até estava pensando em fazer o Curso de Técnico de Nutrição, que tem tudo a ver com o meu trabalho e ia melhorar minha aposentadoria. Meu marido diz: ‘Pra que, depois de velha? Ora, pra quê? Trabalhando e vivendo; vivendo e aprendendo.’”

ARQUIVO PESSOAL



“Escolhi ficar com ele, então, vou passar a vida inteira com ele.”

A nonna não tem aparecido

“Sentimos que tem um espírito que vai na nossa casa. Um dia, eu estava estendendo roupa, e minha filha chegou com o namorado. Olhando para o varal, ele perguntou: ‘Quem é aquela senhora que está com a tua mãe?’. Ela disse: ‘Mas, a mãe está sozinha!’. E, então, ela viu também. Pela descrição, era a mãe do meu pai. Depois disso, minha filha cansou de ver a *nonna* dentro de casa. Temos uma cadeira de balanço que

pertenceu a ela e, às vezes, essa cadeira balança sozinha. Um dia, encontrei um primo que tinha sido criado por essa avó, e ele me mostrou a foto dela num santinho daqueles que se usavam antigamente como lembrança de enterro. ‘A *nonna* tá sempre comigo’, disse ele. E eu respondi: ‘A *nonna* não tá sempre contigo, não. Ela tá é lá em casa’. Depois desse dia, nunca mais vimos a *nonna* lá em casa, nunca mais.”

Uma vida de trabalho

Tânia nasceu em Porto Alegre no dia 23 de outubro de 1948, mas a parentada toda é de Garibaldi, Caxias, Lagoa Vermelha. Criou-se em contato com o público. O pai, Albino Cisco Volpato, foi dono do Bar Tropical, na Avenida Protásio Alves, o primeiro a oferecer sorvete artesanal no bairro (preparado pela mãe, Iolanda Laura, dez anos antes de aparecer a Kibon).

Começou a namorar Juarez Inácio aos 15 anos, mas já se conheciam desde pequenos: a mãe dele também tinha um bar no bairro Petrópolis. Quando casaram, em 1967, ela estava com 19 anos. Foram morar com a mãe dele. Tânia só trocou de bar.

Fernando, o primeiro filho, nasceu exatamente no dia em que ela completou 20 anos. Dois anos depois, veio Cláudia Elizabeth. Em 1975, quando a família foi morar em Viamão, Tânia teve que mudar de ramo: passou a costurar pra fora.

Em 1981, chegou Manoel Felipe, o filho mais novo, que Cláudia passou a cuidar enquanto a mãe trabalhava como secretária na Escola Municipal Brasília, pertinho de casa, de onde podia enxergar as crianças. Trabalhou ainda um ano e meio na creche municipal Cisne Branco, antes de entrar no último concurso promovido pela UFRGS, dez anos atrás. “Diziam que era bom, que pagavam

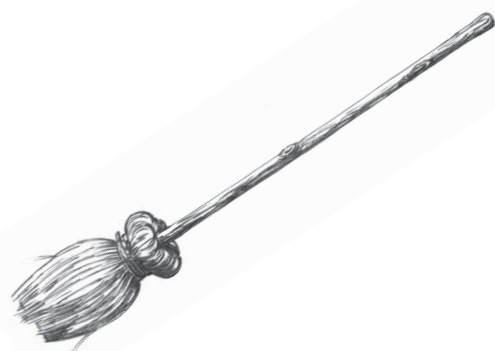
bem, mas ficamos nove anos sem aumento.”

Serviço puxado – Tânia é auxiliar de cozinha, mas gosta de estar na frente, servindo os alunos. Já fez de tudo no RU, desde lavar panelas até ser caixa, servir carne, servir suco. Trabalha das 7h30min às 13h30min. “Tem gente que acha que é moleza, porque é só um turno, mas o serviço é puxado”, garante. “O RU serve em média 2.500 refeições por dia, no almoço. São dois *buffets*, e somos em duas para servir carne ou para servir suco. Então, cada uma serve 1.250 porções de carne ou 1.250 copos de suco. Temos que ficar de pé durante horas.” Ficar de pé durante horas não combina com pessoas que sofrem de diabete, e a Tia do RU

está novamente na cozinha, onde pode descascar batatas comodamente sentada. Mas sempre encontra um jeito de demonstrar sua ternura pelos guris e pelas gurias que passam pela roleta do restaurante.

Resumindo, ela está feliz no trabalho e só pretende sair do RU quando se aposentar. E tem um plano mais imediato: complementando o salário com a venda de semi-jóias (“um troquinho a mais que entra”), pensa em voltar a ter um carro. “Já tive três carros, mas, quando o dinheiro ficava curto, acabava vendendo.”

“Estou no Orkut. Saindo no jornal, vou ficar mais famosa ainda”



Sonia Torres

Gatos pretos, tesouras abertas, potes de mel, açúcar mascavo. Espera aí! Estamos na cozinha? Também. As bruxas estão soltas e adoram o mês de agosto, a magia e o encantamento. Se for uma sexta-feira 13, então! Melhor ainda.

Um caldeirão, um fogo e uma cozinha, com direito a colher de pau e tudo. Risadas em bandos à meia-noite, como uma passada

aérea e rápida, quem sabe voando em vassouras?

Bruxas de ontem, que fizeram a fama e as bruxas modernas, que executam a magia das tradições religiosas para o bem. É um tema encantador, pois se aproxima fortemente das lendas contadas pelo povo da Ilha da Pintada, em Porto Alegre, na dissertação de mestrado de Suzana Araújo - mestre e doutoranda em Antropologia pelo PPGAS, Programa

de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS - intitulada "Bruxas e Bruxarias na Ilha da Pintada".

Dissertação e tese têm a orientação do professor Ari Pedro Oro, do PPGAS, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Resultado da colonização açoriana, o imaginário da ilha é fundamentado em contos já conhecidos na origem dos colonos, em Portugal.

Histórias de bruxas e magia per

Misticismo Tese de mestrado da antropóloga Suzana Araújo sustenta que a crença

A sétima filha é, certamente, uma bruxa

Suzana Araújo, do Núcleo de Estudos da Religião (Ner), conta que, desde pequena, sempre escutou as histórias de bruxas na Ilha da Pintada. Em 1993 ela soube que uma antropóloga de Santa Catarina havia lançado um livro sobre bruxaria em Florianópolis. "Comecei a ler e vi que eram aquelas mesmas histórias que sempre ouvi na Ilha, porque eu sou daqui, assim como minha família. Então resolvi fazer um projeto de trabalho sobre bruxaria na Ilha da Pintada, dentro do que se chama de bruxaria tradicional, em contraposição a um outro tipo de bruxaria que é a moderna, englobando a *wicca*, na tradição céltica", explica. Mas quem costuma contar essas histórias de bruxas e lobisomens? A doutoranda começou a entrevistar as pessoas mais antigas do local e a verificar que tudo tinha um passado português e açoriano.

História - A Ilha da Pintada foi ocupada na segunda metade do

século XVIII, sendo que no século anterior já havia concessão de terras. É quando os açorianos chegam a Porto Alegre e se alojam na beira do Lago Guaíba, iniciando a migração para outras regiões, que daria origem a vários núcleos no Rio Grande do Sul. As histórias de bruxas estão ligadas a esse passado português, como lembrou Gilberto Freyre, que fala em suas obras dos sortilégios trazidos ao Brasil por meio da colonização européia.

Crença - Na Ilha, existe a crença de que alguém possa tornar-se bruxa por ser a sétima filha. Para evitar que isso aconteça, a irmã mais velha deve batizar a caçula. Essas histórias todas poderão ser confirmadas por qualquer morador acima dos 60 anos, embora existam entrevistados com menos idade que também declarem acreditar nas bruxas. "É comum alguém declarar que o filho está *embruxado*", diz Suzana que, enquanto fazia entrevistas, perce-

beu que as histórias obedeciam a uma estrutura comum e, a partir daí, fez uma análise dessas narrativas. A pesquisadora não entende isso como um resquício do passado, pois são histórias que circulam até hoje e chegam a constituir um modo de conduta, sendo estruturantes de um pensamento cultural. Ainda hoje, as identificações de bruxas ou lobisomens acontecem.

De acordo com Suzana Araújo, esses seres fantásticos e seus poderes maléficos podem ser neutralizados, pois há antídotos, como a tesoura aberta debaixo do travesseiro para espantar as bruxas para longe dos recém-nascidos e o pentagrama (estrela de cinco pontas), usado como amuleto de proteção. "A identificação da bruxa, na Ilha da Pintada, é um dos critérios que viabiliza o *desembruxamento* da vítima ou a cura da bruxaria. Pode-se verificar nessas idéias o passado de catolicismo popular tradicional", esclarece a doutoranda.

Algumas rezas entoadas por benzedeiras e feitiçeras da Ilha da Pintada

Depoimentos de benzedeiras e familiares de *embruxados* na luta contra a ação das bruxas, em trechos retirados da dissertação de mestrado de Suzana Araújo, "Bruxas e Bruxarias na Ilha da Pintada", de 1998.

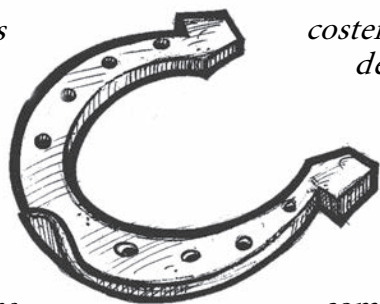
"Bruxa, bruxé, freio na boca e manei nos pés. Aqui tu não há de vir, nem onde esta criança estiver. Em nome de Deus e da Virgem Maria." (Dona Etelvina, 78 anos, benzedura para bruxaria).

"Quebrante é assim: uma criança muito bonita, muito ativa, assim bem esperta, chama a atenção da pessoa. Então, tem pessoas que têm um olhar, as-

sim, que às vezes não sabe e tá botando o quebrante. Aí, a criança começa a ter febre, fica enjoadinha, não dorme de noite direito.

Dorme com as vistas abertas, se tremendo. Assim começa o quebrante..." (Julieta, 58 anos, benzedeira).

"É por baixo do sirvado, e por riba do telhado. Fusca que fusca, que todas as fuscas. Freio na boca, rabicho no c*. Maneia nas mãos, manei nos pés. Não me entre nesta casa, nem nesta



costeira toda, em nome de Deus e da Virgem Maria." (Rosa, 57 anos, benzedura para bruxaria).

"O quebrante é com três galinhos de arruda, ou quebra-tudo, guiné ou qualquer galinho verde que não tenha espinho. O cobreiro é com guanxuma, que arranca no terreno e benze com um copo de água. O cobreiro, a mordida de bicho é assim: três galinhos de guanxuma e um copo com água. O sapinho se benze com nove grãos de milho e uma faca cortando. A *izipela* eu benzo com três folhinhas de laranjeira e um pouco de azeite. Cada benzedura é diferente. A benzedura para criança é uma e para adulto é outra."

(Julieta, 58 anos, benzedeira).



Suzana Araújo percebeu que as histórias de bruxaria tinham uma estrutura em comum



As bruxas modernas persistem em meio à modernidade

...a no sobrenatural está presente no cotidiano, conquistando cada vez mais adeptos



As bruxas modernas executam a magia das tradições para o Bem

Desencanto com a modernidade

Constata-se na modernidade um retorno do oculto e do sobrenatural. Para os antropólogos isto significa a revanche do pensamento mágico, ou do pensamento irracional, sobre a razão toda poderosa.

Esse retorno às crenças de formação de identidade religiosa, nos dias atuais, tem uma relação com o império do pensamento racional. Imaginava-se que a Razão seria capaz de eliminar uma outra possibilidade de compreensão da realidade do mundo por meio do pensamento religioso ou mágico. O fenômeno do retorno ao sobrenatural e à religiosidade na modernidade reflete a desilusão diante das grandes ideologias e um certo desencantamento frente as ideologias políticas dos grandes motores de pensamento moderno, sejam eles ideológicos, mais amplamente, sejam políticos mais especificamente.

Isso resultou no surgimento de uma tendência geral das pessoas se voltarem para valores mais conhecidos e mais tradicionais, entre eles os valores religiosos. Além disso, como a modernidade tem o viés profundamente racional e individualista, as novas formas de religião que proliferam estão muito associadas à experiência individual do religioso.

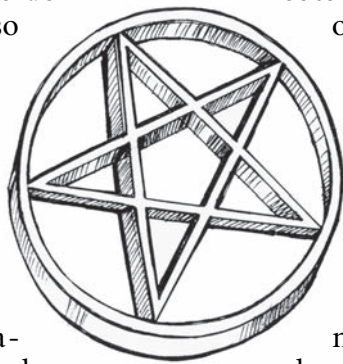
De acordo com o professor Ari Pedro Oro, do Núcleo de Estu-

dos da Religião, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, trata-se de novas formas religiosas como a bruxaria e o neopaganismo (tradição celta, hoje denominada *wicca*).

Não se trata de uma criação nova, mas de um retorno a tradições religiosas que tinham vínculos culturais em uma Europa pré-cristã medieval, e que o ocidente cristão e monoteísta julgava já terem desaparecido.

Não por acaso, essas expressões alternativas de religiosidade aparecem com força no ocidente no século XIX, justamente o período em que ocorre um certo desencantamento pelo mundo moderno. Depois de todo o ufanismo do Iluminismo, da aposta na ciência e na tecnologia, aparece uma decepção com toda essa projeção salvacionista, e o espaço passa a ser ocupado pelas religiões alternativas, até então esquecidas.

Esses diferentes caminhos de expressão religiosa podem ter vários nomes, como neopagãs, *new age*, nova era, religiões alternativas, e aparecem como novas formas de ser religioso. Eles não surgem dentro do contexto das religiões institucionalmente estabelecidas, mas mantêm relação com essas tradições religiosas, de forma autônoma. Em parte, associadas às religiões tradicionais, e por outro lado, opostas a elas.



Globalização religiosa é causa de encontro das diversas tradições

Tradições e crenças, que têm uma longa história, perderam a coerência de outrora. Este fato está associado a alguns outros elementos, como, por exemplo, a redução da crença no demônio, a instrução generalizada e o progresso da medicina e da ciência. Por outro lado, se mantém como uma variante de crenças associadas ou paralelas às religiões e filosofias existentes. Isso significa que o retorno dessas religiões vai se dar com uma adaptação aos tempos modernos e às novas circunstâncias históricas.

Também não é uma fonte de tradição religiosa exclusivamente ocidental. No momento em que o mundo fica "encurtado" pelo fenômeno da globalização, no século XX, vem assistindo, desde a década de 1960, a um grande encontro de tradições religiosas que tomam as raízes européia, oriental e ameríndia. Todos estes aspectos são importantes ingredientes na configuração das novas formas de ser religioso na modernidade. Entre as quais está também o que chamamos de neopaganismo ou bruxaria.

Do ponto de vista do pensamento religioso, trata-se de um conjunto de concepções em que a imanência e a transcendência não se opõem, mas se vinculam, ou seja, o imanente e o transcendente não estão em pólos de oposição e de ruptura e sim em uma relação muito estreita entre ambos. O que ocorre no mundo imanente não é desvinculado da relação com o transcendente, que por sua vez atua e interfere no primeiro.

Associada, também, a esse conjunto de crenças religiosas está a noção sobre as forças invisíveis atuando no mundo visível, por meio de mediadores que são os bruxos, os médiuns, os gurus, os líderes e os agentes religiosos. Podem ser também outros personagens mais clássicos, como os sacerdotes, os pastores, os pais-de-santo, que são os mediadores do sagrado, que são os indivíduos que fazem a ponte entre os mundos imanente e transcendente, entre o mundo visível e o invisível. É nesse contexto que surgem os novos bruxos.

Religiões iniciáticas – Essas expressões religiosas, em geral, são organizações ou grupos religiosos relativamente pequenos que se caracterizam pelas práticas ritualísticas e são, por isso mesmo, religiões iniciáticas, cujos praticantes passam por ritos de iniciação. Os rituais assumem



uma importância grande, há uma prática associada a um conjunto de símbolos que são postos em evidência nesse modo de ser religioso. Têm características emocionais e, por isso, formam comunidades emocionais, nas quais as pessoas experimentam o sagrado e envolvem-se plenamente nessa prática religiosa.

Tais religiões, ao mesmo tempo em que fortalecem a individualidade e a subjetividade, permitem a construção de uma identidade coletiva, ou seja, um "nós". Do ponto de vista do perfil social, os indivíduos que se vinculam a essas novas tendências religiosas pertencem preferencialmente às camadas médias da sociedade, isso tanto no Primeiro, como no Terceiro Mundo. Os adeptos dessas religiões são pessoas relativamente letradas e a literatura esotérica, de uma forma geral, é parte inerente desse processo. São homens e mulheres que têm um certo capital social e simbólico e que detêm cultura. Percebe-se entre seus membros uma predominância de indivíduos do sexo feminino, e, (isso é uma regra geral), de jovens de uma forma talvez maior do que as outras faixas etárias.

Diante desses dados, algumas interpretações foram propostas no sentido de mostrar que o ingresso de pessoas com esse perfil social junto a esse segmento, concepção ou prática religiosa tem a ver com um certo déficit simbólico que eles não encontram nas religiões instituídas, ou

nas ideologias que a modernidade coloca à disposição das pessoas. Para Ari Pedro Oro, os analistas tendem a dizer que essas novas expressões religiosas não deixam de revelar um significado contestatório ao campo religioso instituído e ao campo ideológico e político atual.

Retorno a naturopatia – O retorno à natureza e à harmonia universal é outra tendência percebida, configurando a naturopatia, para a qual a natureza não pode ser separada da religião, pois sem a harmonia universal ela não pode acontecer. A naturopatia associa-se à idéia de religar o indivíduo com as energias divinas e com outras energias que fazem parte do cosmos e da natureza, situando-se além da realidade imediata.

É uma concepção da natureza enquanto fonte vital de energia. A natureza com suas expressões da flora, da fauna e do cosmos, de uma maneira geral, é instância detentora de transcendência, visando o humano e sua relação com a natureza. Surge daí a noção de forças invisíveis, ou seja, a força do sagrado que está na floresta, na montanha, no lago, nos astros.

Do ponto de vista filosófico, o ser humano é aberto ao transcendente. Do ponto de vista antropológico, a religião é uma instância para garantir o significado da existência, o sentido da vida. Essa é a função do religioso, além de proporcionar uma identidade coletiva.

Fotos: Flávio Dutra
Ilustrações: Gerson Lopes





Bolivianos exigem integridade e autonomia

América Latina Povo marchou pelas ruas, sitiando a capital, La Paz, e exigindo a estatização do gás

Sonia Torres

Vivendo tempos de crise, a Bolívia sofreu em maio deste ano grandes manifestações de movimentos sociais. Pelo menos 10 setores da sociedade civil, entre eles camponeses, mineradores, estudantes universitários, professores e agricultores estiveram mobilizados. As ruas de La Paz se tornaram cenários para as reivindicações dos manifestantes, que exigiam a nacionalização da exploração de petróleo e do gás natural, além da convocação de uma Assembleia Constituinte contra a emancipação de algumas regiões.

De acordo com o professor e doutor em Economia André Cunha, do Departamento de Economia, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS e pesquisador do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais (Nerint), essa crise já vem de algum tempo, com dois ou três anos de grande instabilidade política e de manifestações dos camponeses indígenas, que são a imensa maioria da população boliviana.

O foco dessa discussão esteve associado à questão da construção do gasoduto para a exportação de gás natural da Bolívia para os Estados Unidos, via Chile. A idéia dessa construção causou revolta na população. Isso resultou na renúncia do presidente Gonzalo Sánchez de Lozada.

Em seu lugar assumiu o vice-presidente, Carlos Mesa, que também renunciou, dando lugar ao ex-presidente da Suprema Corte de Justiça, Eduardo Rodríguez Velsé, que determinou, por meio de decretos, que os Ministérios de Recursos Energéticos, Governo (Interior) e Defesa coordenem as tarefas e as ações com a finalidade de garantir o controle do Estado sobre as jazidas de recursos energéticos.

O presidente interino tem também a incumbência de viabilizar as eleições presidenciais marcadas para sete de dezembro deste ano.

A rota do gás – Historicamente, os principais parceiros sempre foram a Inglaterra e os Estados Unidos. Mas, a Bolívia terá um comércio mais intenso com os países do Mercosul e seus vizinhos da Comunidade Andina, e também fortemente com o Brasil, que se tornou o principal mercado.

Segundo o professor, essa mudança se deveu ao crescimento da comercialização do gás natural e ao início da construção do gasoduto Bolívia-Brasil, que traz o gás da província de Santa Cruz, região rica da Bolívia, entra pelo

Mato Grosso e vai para São Paulo e para a Região Sul, fornecendo gás para empresas, residências, indústrias e para uso veicular.

Esse gasoduto começou a entrar em operação no final dos anos 1990 e início de 2000, e tem como principal parceira a Petrobras.

A crise boliviana tem alguns componentes que precisam ser demarcados. O primeiro é que o povo boliviano nunca se beneficiou com essa riqueza que, segundo André Cunha, está concentrada na província de Santa Cruz de La Sierra, enquanto a classe pobre indígena encontra-se espalhada pelo resto do país.

Há uma política para desestimular o plantio da coca que, além de ser tradição, é fonte de renda. Mas a tentativa de substituir a coca por outras culturas agrícolas não foi bem sucedida.

Conforme André Cunha, “estamos assistindo atualmente na Bolívia a uma fratura na sociedade porque a região rica e branca não quer se submeter aos interesses da região pobre e indígena”. Para ele, existem analistas que vislumbram até a possibilidade de haver uma tensão que possa gerar um desmembramento territorial.

Herança maldita – Para Raúl Enrique Rojo, professor do Departamento de Sociologia e dos Programas de Pós-graduação em Relações Internacionais e Direito da UFRGS, a Bolívia vive uma “herança maldita”. É o país que mais perdeu território em função de diversas guerras. Ainda no final do século XIX, ocorreu a Guerra do Pacífico que confrontou uma união peruano-boliviana com o Chile. Como consequência da derrota de peruanos e bolivianos, os últimos perderam o litoral do Oceano Pacífico por onde tinham saída para o mar. Os peruanos perderam a província de Arica, no extremo norte chileno. A saída para o mar depende do consentimento peruano, uma vez que ela seria efetivada por um pedaço de terra na fronteira entre o Peru e o Chile.

A perda da saída para o Pacífico ainda é sentida por todas as camadas sociais da população boliviana como fruto de um tratado injusto. Quando os bolivianos falam de antiimperialismo não estão somente pensando nos norte-americanos ou nos ingleses. Estão também pensando em seus vizinhos de continente.

Acrescenta-se também uma situação de injustiça social fortíssima, que se complica com a corrupção. Apesar da distância



Camponeses indígenas são a imensa maioria da população boliviana

“O povo boliviano nunca se beneficiou com a riqueza de seu próprio país”

social não ser tão grande quanto no Brasil, a Bolívia tem uma situação étnica muito complexa. Sessenta por cento da população é indígena boliviana e está abaixo da linha de pobreza. Os poucos que têm um capital econômico e

cultural importantes na Bolívia são os euro-descendentes. Os indígenas reivindicam o uso do aymará, idioma nativo.

Outro elemento dessa herança é a instabilidade institucional, ou a inexistência de instituições sólidas na Bolívia que possam debelar a crise. Até esse momento os golpes de Estado haviam sido palacianos. As forças armadas estavam a mercê de interesses de oligarquias nacionais e internacionais dedicadas a monoprodução mineral. Quando se fala de um dos protagonistas da crise atual, lembra-se do líder cocaleiro Evo

Morales. Os produtores de coca se sentem enganados pelo governo central, que os fez erradicar aqueles cultivos e que não lhes deu créditos bancários, além de não assegurar os preços de compra de sua produção.

Conforme Rojo, há um pessimismo em relação ao futuro da Bolívia e ao desenlace da crise, uma vez que qualquer que seja a solução, não vai satisfazer todas as forças. Nem as elites de La Paz e Sucre, nem as dirigências sindicais da esquerda tradicional, ou a nova esquerda ou o novo populismo.



Mudanças de governo provocam instabilidade

Durante o período desenvolvimentista dos anos 1970, a Bolívia se caracterizou pela instabilidade política. Era o país dos golpes militares, com sucessivas mudanças de governo. Em 1982 houve a crise da dívida externa, que afetou toda a América Latina e foi particularmente grave na Bolívia.

Depois, o país se redemocratizou e se manteve por duas décadas em um processo de estabilidade política. A Bolívia também é lembrada

pela hiperinflação de 1985, quando o país assistiu à elevação em ritmo alucinante dos preços.

Com a finalidade de reduzir a inflação de forma rápida, garantiu-se algum dinamismo para a economia boliviana e nesse ambiente de estabilidade de preços e de maior atratividade para investimentos externos, o país experimentou uma grande entrada de investimentos estrangeiros. Isso ocorreu especialmente porque, a partir dos anos 1980 e 1990, surge uma nova

riqueza na Bolívia: o gás natural.

De acordo com André Cunha, a Bolívia tem a segunda principal reserva de gás natural de toda a América Latina. Várias empresas estrangeiras exploram essas riquezas naturais, sendo que, entre 1985 e 1997 houve um crescimento intenso. Mas de 1997 para cá, o crescimento se fragiliza, dentro de uma conjuntura internacional de crises muito fortes. É nesse momento que entra o Brasil.



Estamos livres de catástrofes naturais?

Geociências Localização privilegiada do Brasil afasta possibilidade de tremores de grande magnitude

Jacira Cabral da Silveira

Há pouco menos de dois meses, notícias como estas ao lado circularam tanto nas grandes redes de TV, quanto nos blogs da Internet. Da palavra oficial, aos comentários de internautas, o mesmo impacto ante os rompan-tes da natureza. Pasmos, indagamos: “Até que ponto este terremoto poderia ocorrer aqui?”

Para a professora do Departamento de Geologia do Instituto de Geociências da UFRGS Carla Cristine Porcher: “Não há um risco iminente de terremoto de magnitude importante no Brasil”. Isto porque a maior parte do território brasileiro está situada no interior de uma placa tectônica. Essas placas, movem-se umas em relação as outras, separando-se em alguns lugares e juntando-se em outros. E são nesses limites de interação que são gerados terremotos.

Na opinião de Carla, o que ocorreu em São Paulo é reflexo do terremoto de 13 de junho no Chile, no qual o epicentro foi a vila de Iquique. Lá as consequências foram catastróficas justamente por isso, pois o epicentro é o ponto na superfície do solo imediatamente acima do foco gerador de energia. E, conforme o tipo de solo da superfície, mais rígido ou menos resistente, o impacto da energia será mais ou menos destrutivo.

Entretanto, mesmo reconhecendo a remota possibilidade de terremotos no Brasil, Carla não é taxativa: “Afinal de contas, a Terra é um sistema natural e seu comportamento não é 100% previsível”. Por outro lado, ela afirma que não há nenhuma justificativa para que no Brasil seja feito um detalhamento do mesmo nível que se tem nas regiões de alta atividade sísmica. “Temos sim necessidade de manter laboratórios que façam acompanhamento sistemático em escala mais regional.”

Esse tipo de monitoramento já existe no Brasil. Na Universidade de Brasília (<http://www.obsis.unb.br/>), opera desde 1988 o Observatório Sismológico do Instituto de Ciências Exatas, e na USP funciona o Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (<http://www.iag.usp.br/>). Ambos registram ondas sísmicas chegadas de diversos lugares da América do Sul e de outros continentes através de sismogramas. São registros gráficos a partir dos quais especialistas podem localizar o epicentro e o foco de terremotos, bem como suas intensidades.

Terremoto abala o Chile

Um violento terremoto, de 7.9 graus na escala Richter, às 22h44 UTC (19h44 hora de Brasília) desta segunda-feira (13/06), ao norte do Chile, atingiu as cidades de Iquique, Calama e Arica, fronteiras com Peru e Bolívia.

O epicentro ocorreu a 115 km a este-nordeste da vila de Iquique, na Cordilheira dos Andes, a uma profundidade de 110 km, sob as coordenadas 19.903° S, 69.128° W. Até agora são 132 feridos e 11 mortos. O movimento durou 50 segundos e está sendo considerado um dos dez mais fortes em quase um século.

Em 1998, pesquisadores da Universidade do Chile previram que um grande terremoto afetaria o norte do país em 15 anos, mas a data exata não foi precisada.

“Estaba en el piso 12 del edificio cuando comenzó el terremoto. Me escondí en el baño junto a mi hijo, pero reventó el espejo. Tuvimos que tratar de llegar a la puerta del departamento, pero era imposible caminar y las cosas se caían a nuestro alrededor”. (Marcela Gutiérrez, 42 anos, dona de casa, Iquique)

Tremores registrados no Brasil

Abalos sísmicos foram sentidos nesta segunda-feira, 13 de junho, em São Paulo nas regiões de Campinas, Indaiatuba, Serra Negra, Americana, Nova Odessa e Hortolândia. Há registros menores no Paraná, Distrito Federal e Goiás.

Segundo o Centro de Sismologia da Universidade de São Paulo (USP), os abalos marcaram nível II da escala Mercalli, o que representa o suficiente para balançar lustres e provocar sensação de tontura. As ondas sísmicas levaram três minutos e meio para percorrer dois mil quilômetros da Cordilheira dos Andes até o Brasil.

Dados do Observatório Sismológico da UnB (Universidade de Brasília) revelam que o maior terremoto registrado no Brasil foi de 6,6 graus, em 1955, na cidade de Porto dos Gaúchos a 644km de Cuiabá.

Terremotos – Terremoto é o momento em que ocorre a liberação de uma grande quantidade de energia acumulada em um certo ponto no interior do planeta, e 97% deles estão relacionados com movimentos ao longo de falhas na crosta terrestre. Essas falhas estão sob tensão contínua por serem localizadas nos limites entre as placas tectônicas. E quando essa tensão chega a um limite ocorre a movimentação na falha e a liberação da energia. “É como se pegássemos uma régua e ficássemos forçando até que ela se quebre

e os pedaços se espalhem. Esse espalhamento é a energia que estava sendo acumulada,” explica a professora Carla.

Segundo ela, o Acre é a região de maior sismicidade no Brasil. Lá, a atividade sísmica parece estar principalmente relacionada com a tectônica andina. Nas demais regiões são verificados tre-

mores de pequena magnitude e de diferentes origens.

Carla comenta que há estudos que sugerem que parte desses terremotos não tenham origem tectônica, mas que decorram da acomodação do terreno, associada à infiltração de água em fraturas antigas. “Quando fazemos uma barragem, por exemplo, infiltra água nas fraturas, e a tensão que, eventualmente, exista nelas é facilitada pelo movimento da água nas falhas.”

Conforme o pesquisador do Observatório Sismológico da UnB, Vasile Marza, desde 1970 o Brasil monitora terremotos provocados por reservatórios de hidrelétricas. Já foram registrados 21 sismos que alcançaram a magnitude de 4,2 pontos, sem causar problemas. “Muitas vezes, não é possível identificar se os tremores ocorreriam independentemen-

te ou não da construção da represa”, diz Marza em matéria da UnB Agência.

Escala – Para avaliarmos o perigo que esses terremotos podem representar, existem duas escalas mais usadas. A escala de Mercalli mede a intensidade do terremoto, ou o que ele causou, não interessa se foi na região de epicentro ou mais distante. Esse efeito de destruição não depende só da energia do movimento, mas também de onde ele aconteceu. Cidades como Los Angeles, construída para resistir a terremotos, sofrerão menos do que cidades da Ásia, que são construídas em barrancos.

A escala Richter, que mede a intensidade e magnitude do terremoto, reflete a força do fenômeno onde ele foi gerado, a quantidade de energia liberada. A magnitude é um valor típico de cada terremoto, independente da localização da estação sismográfica que a mediou. Ou seja, a intensidade de um terremoto de magnitude “x” vai depender de onde ele acontece.



Imagem mostra a Praça de Nazca, localizada sob o Oceano Pacífico, junto ao continente sul-americano

REPRODUÇÃO / SEISMICITY OF THE EARTH / ESPINOSA, RIMENARD, HARP E HEZLEN

ESCALAS

■ Mercalli

No Brasil são mais comuns os graus:
II – tremor sentido apenas por poucos em prédios altos. Objetos podem sacudir; III – tremor sentido em prédios altos. Veículos parados podem mover-se pouco. Vibração semelhante à passagem de um carro pesado.

■ Richter

Se compararmos a magnitude de um terremoto à energia produzida pela Usina de Itaipu, teremos:
– Grau 3 corresponde a 3 segundos de geração de energia
– Grau 5 a 4min
– Grau 7 a dois dias de trabalho da usina
– Grau 9 a 4 anos e meio de trabalho de Itaipu

BENEFÍCIOS

- servidores e seus dependentes
- alunos com auxílio da Secretaria de Assuntos Estudantis

O DACOM proporciona atendimento nas áreas nutricional, odontológica, médica, de serviço social e de segurança do trabalho.

Marcação de consultas AOS QUE JÁ POSSUEM PRONTUÁRIO NO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE, para as seguintes especialidades:
- dermatologia - clínica geral - ginecologia - urologia - ortopedia - oftalmologia - cardiologia - otorrinolaringologia - pediatria

Programa de Qualidade de Vida

Orientação sobre prevenção e tratamento à população

INFORMAÇÕES E MARCAÇÃO DE CONSULTAS
DACOM Av. Protásio Alves, 297. FONE/FAX 3321 3106

DACOM
Departamento dos Assuntos
da Comunidade Universitária

UFRGS
PRORH
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

CINEMA/DVD/VÍDEO

Curtas e documentários sobre meio ambiente

Programação comemorativa dos 15 anos da FEPAM, organizada em colaboração com a Sala Redenção. Sessões: 1º a 5 e de 8 a 12 de agosto, segundas a sextas-feiras Local e horário: Sala Redenção (Av. Paulo Gama, s/nº. - Campus Centro), às 12h30min Entrada franca

Língua: vidas em português

(Brasil/Portugal, 2004, DVD, 105 min), de Victor Lopes Documentário filmado em oito países de língua portuguesa, que faz um mergulho nas histórias destes povos e na sua resistência a culturas estrangeiras. Entre os depoimentos destaque para as participações de Mia Couto, José Saramago, Martinho da Vila e João Ubaldo Ribeiro. Sessões: 8, 9 e 11 de agosto, segunda, terça e quinta-feira Local e horário: Sala Redenção (Av. Paulo Gama, s/nº. - Campus Centro), às 19h Entrada franca

Mostra do acervo Cine 8

Exibição de filmes do acervo do Núcleo Cine 8. Sessões: 10 e 12 de agosto, quarta e sexta-feira Local e horário: Sala Redenção (Av. Paulo Gama, s/nº. - Campus Centro), às 19h Entrada franca

MÚSICA

Qu4tro a Zero

Quinto show da série dedicada à música instrumental para o projeto Unimúsica com Eduardo Lobo (guitarra e violão 7 cordas), Danilo Penteadado (baixo elétrico e cavaquinho), Daniel Muller (piano, teclado e acordeom) e Lucas da Rosa (bateria). Data: 4 de agosto, quinta-feira Local e horário: Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110 - Campus Centro), às 19h Entrada franca com doação opcional de alimento não perecível

Zé Miguel Wisnik e José Celso Martínez Corrêa

Show de abertura do 6º. Salão de Extensão da UFRGS em que o cantor e compositor paulista Zé Miguel Wisnik (foto abaixo) recebe o diretor do Teatro Oficina e o cantor e ator Celso Sim, para um espetáculo com canções compostas para o Oficina ao longo dos últimos 15 anos. Participação do jornalista e professor Arthur Nestrovski, ao violão, e de Marcelo Jeneci, nos teclados e acordeom. Data: 29 de agosto, segunda-feira Local e horário: Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110 - Campus Centro), às 20h Entrada franca



Extremo Sul

(BR, 2005, 35mm, 92min), de Mônica Schmiedt e Sylvestre Campe Documentário que mostra o desafio de cinco alpinistas ao tentar escalar o Monte Sarmiento, uma montanha célebre por sua beleza, isolamento e perigo localizada na Terra do Fogo. Sessão em comemoração aos 15 anos da FEPAM. Sessões: 15 a 19 de agosto, segunda a sexta-feira Local e horário: Sala Redenção (Av. Paulo Gama, s/nº. - Campus Centro), às 18h30min Entrada franca

Janela da alma

(BR, 2001, DVD, 73 min), de Walter Carvalho e João Jardim O projeto Cinema, Pesquisa e Extensão exibe documentário com depoimentos de pessoas com deficiência visual. Destaque para as participações de Wim Wenders, Hermeto Pascoal e José Saramago. No dia 30 de agosto, debate com convidados após a sessão. Sessões: 29 de agosto a 2 de setembro, segunda a sexta-feira Local e horário: Sala Redenção (Av. Paulo Gama, s/nº. - Campus Centro), às 18h30min Entrada franca



Projeto Pixinguinha

Show com o grupo Choro de Câmara, formado por Joel Nascimento, Aloysio Fagerlande, Josimar Carneiro e Rodolfo Cardoso; o cantor, compositor e instrumentista Carrapa do Cavaquinho e a sambista carioca Dorina. Data: 9 de agosto, terça-feira Local e horário: Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110 - Campus Centro), às 19h Entrada franca com doação opcional de alimento não perecível

Parceria musical UFRGS/Unisinos

Concerto com a Orquestra Unisinos sob a regência de Roberto Tubaro. Data: 17 de agosto, quarta-feira Local e horário: Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110 - Campus Centro), às 20h Entrada franca

Recital com Alain Daboncourt e Cristina Caparelli

Recital com o flautista Alain Daboncourt e a pianista e professora do Departamento de Música Cristina Caparelli. Atividade realizada em parceria com a Aliança Francesa de Porto Alegre e o Instituto de Artes da UFRGS. Data: 24 de agosto, quarta-feira Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa (Rua Senhor dos Passos, 248), às 19h Entrada franca

Destaque

Açores & Brasil: uma troca de experiências

Exposição destaca raízes culturais e patrimônio arquitetônico

O Museu da UFRGS irá inaugurar, dia 16 de agosto, às 19h, a exposição "Açores & Brasil: uma troca de experiências", idealizada a partir de um protocolo firmado entre a Universidade e o Governo Regional dos Açores.

A mostra tem curadoria da professora Anna Maria Py Daniel Busko, da Faculdade de Arquitetura, e está dividida em quatro partes: *Angra do Heroísmo: registros de uma arquitetura*, que apresenta fotografias da cidade de Angra do Heroísmo, sua história, vivências e costumes; *Arquitetura do Ramo Grande*, que traz o material organizado pelo IAC - Instituto Açoriano de Cultura sobre a arquitetura praticada na Freguesia do Ramo Grande; *A arte do azulejo em Portugal*, que mostra a



Mostra apresenta arquitetura açoriana

exposição produzida pelo Instituto Camões e doada ao GAPE - Gabinete de Apoio ao Ensino,

à Pesquisa e Extensão em Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura da UFRGS; e, *Açorianos no RS*, que conta, através de uma série de painéis impressos, uma breve história das raízes açorianas da sociedade sul-rio-grandense.

Paralelamente à mostra, serão realizados debates sobre patrimônio histórico e saraus, abordando a poesia, a literatura, a dança e a música açorianas.

A exposição pode ser visitada de 17 de agosto a 20 de outubro, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h; e, aos sábados, das 12h às 17h. A entrada é franca e o Museu da UFRGS funciona na Av. Osvaldo Aranha, 277 - Campus Centro. Informações e agendamento de escolas: 3316-3390.

UFRGS sedia congresso de sociologia

Evento discute crise e democracia na América Latina

Entre 22 e 26 de agosto, o Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS promovem o XXV ALAS - Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, que tem como tema central "Desenvolvimento, Crise e Democracia na América Latina: participação, movimentos sociais e teoria sociológica". O congresso conta

com a presença de especialistas como Adolfo Sanchez Vasquez, Atílio Borón, Emir Sader, Ana Esther Ceseña, Enio Candotti, Marco Aurélio Garcia, Ricardo Antunes e Raul Zibechi.

Além de conferências sobre o tema principal do evento e de debates abordando novas possibilidades de desenvolvimento para a América Latina neste começo de século XXI, os participantes pretendem analisar os movimentos de camponeses, trabalhado-

res sem terra, organizações não-governamentais e outras entidades organizadas da sociedade civil, que passaram a construir agendas alternativas de desenvolvimento econômico e social.

O Congresso será realizado no Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110 - Campus Centro). Inscrições e informações detalhadas no site www.ufrgs.br/alaspoa ou pelo telefone 3316-6890.

CURSOS E PALESTRAS

Criação e memória na música instrumental brasileira

Debate promovido pelo projeto Unidéia com os músicos Eduardo Lobo, Danilo Penteadado, Daniel Muller e Lucas da Rosa, integrantes do grupo Qu4tro a Zero, e Maria Elizabeth Lucas, professora do Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes. Data: 5 de agosto, sexta-feira Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, (Av. Osvaldo Aranha, 277 - Campus Centro), das 14h às 17h Entrada franca

Masterclass de flauta transversal com Alain Daboncourt

Atividade promovida em parceria com a Aliança Francesa de Porto Alegre e o Instituto de Artes da UFRGS Data: 22 e 23 de agosto, segunda e terça-feira Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa (Rua Senhor dos Passos, 248), das 14h30min às 18h Informações e inscrições: 3316-4310 e 3316-3390

Física no Museu

Palestra do projeto Olhares Cruzados sobre o tema "Tsunami" com Fernando Lang Data: 18 de agosto, quinta-feira Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS (Av. Osvaldo Aranha, 277 - Campus Centro), às 19h Entrada franca

Jornalismo cultural

Encontro com Maria do Rosário Caetano, promovido pelo Núcleo de Comunicação e Cinema da Fabico. Data: 22 de agosto, segunda-feira Local e horário: auditório da Fabico (Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Campus Saúde), às 10h30min Entrada franca

Ciência no Planetário

Palestra com Jefferson J. Arenzon, do Instituto de Física da UFRGS, sobre a teoria de jogos evolutivos. Data: 15 de agosto, segunda-feira Local e horário: Sala Multimídia do Planetário, às 19h Entrada franca

LANÇAMENTO

Cangaço: o Nordeste no cinema brasileiro

Sessão de autógrafos do livro organizado pela jornalista Maria do Rosário Caetano, que reúne artigos assinados por Lucila Ribeiro Bernardet (*in memoriam*), Walnice Nogueira Galvão, Ruy Guerra, Francisco Ramalho Jr, Luiz Felipe Miranda, José Umberto, Alberto Freire, Marcelo Dídimo e Luiz Zanin Orichio. Data: 22 de agosto, segunda-feira Local e horário: Sala Redenção (Av. Paulo Gama, s/nº. - Campus Centro), às 18h30min Entrada franca

PLANETÁRIO

Projeto Selene

Observação do céu através de telescópios. Em caso de céu encoberto a atividade será cancelada. Data: 13 e 14 de agosto, sáb. e dom. Local e horário: pátio do Planetário (Av. Ipiranga, 2000 - Campus Saúde), após o pôr-do-sol. Entrada franca

Fabico presente no Festival de Gramado

Cinema Produções de estudantes de Jornalismo ocupam espaço no cenário audiovisual universitário

Fatimarlei Lunardelli

A Fabico está novamente no Festival de Cinema de Gramado, ou melhor, no 13º Gramado Cine Vídeo, uma atividade paralela que brilha tanto quanto a mostra cinematográfica. Oriundo de uma feira de mercado audiovisual, o Gramado Cine Vídeo é o espaço das produções universitárias e independentes, que cresceram com a expansão das escolas de cinema e a facilidade da tecnologia digital. Em 1998, no lançamento da mostra competitiva, firmou-se uma parceria com a UFRGS que proporciona aos estudantes da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação uma experiência de cobertura jornalística.

No início, eram apenas dois alunos, hoje são sete que sobem a serra e acompanham todas as atividades que movimentam Gramado na semana do Festival. Neste ano, no período de 15 a 20 de agosto, estarão sendo produzidos dois documentários e uma edição especial do *Caderno Dois*, uma revista cultural veiculada pela UNIVTV às quartas-feiras, às 14h30min, com reprise às 21h, realizada no Núcleo de Ensino de Produção em Televisão. A coordenação é do professor da área de televisão Kleber Ferreira, que enfatiza a oportunidade de aprimoramento do aprendizado: “É um desafio para os alunos trabalhar ao lado de profissionais de TV, enfrentando um evento real, não fictício como em aula”.

Além da cobertura, a Fabico também ocupa lugar de relevância na história das premiações do Gramado Cine Vídeo. Em 1998, o vídeo *O último confronto final* ganhou na categoria gaúcha os prêmios de melhor vídeo, direção e edição. Apesar das dificuldades da falta de equipamento e das condições adversas para realizar uma ati-



Ficção *Bala de Prata* concorre no Festival do Vídeo Universitário Gaúcho

vidade de custo econômico elevado, a originalidade das produções audiovisuais da Fabico tem sido reconhecida.

O curso não contempla a formação em cinema, mas são realizados vários produtos audiovisuais em disciplinas de jornalismo, publicidade e propaganda: Técnica de Cinema e TV; Produção e Edição de Imagem; Linguagem de Vídeo; Produção e Difusão em Telejornalismo 2 e Projetos de Vídeo. Além disso, existem os programas *Ufrgs Pesquisa* e *Ufrgs Documenta* para o canal universitário e as produções especiais do NEP TV, um núcleo de graduação que atua na interface com a extensão. São quase 70 vídeos diferentes por ano, mais de 30 a cada semestre, desenvol-

vidos no processo de aprendizagem e produzidos inteiramente pelos alunos. Mediante uma seleção interna, são indicados aqueles a serem inscritos no Gramado Cine Vídeo.

Neste ano, a Fabico participa do Festival de Vídeo Universitário Brasileiro com a ficção *Efêmero*, já exibido nas salas Redenção e Paulo Amorim, por iniciativa de um entusiasmado grupo de alunos. No Festival do Vídeo Universitário Gaúcho estão inscritos oito trabalhos, em diversas categorias: a ficção *Bala de prata*; o documentário *Vale dos vinhedos*; a grande reportagem *Catedral dos gaúchos*; o vídeo social *Esquizofrenia*; o vídeo experimental *Além do leite*; o vídeo publicitário *Nokia leve*; o

programa de tv *Caderno Dois* e o clipe musical *Barba, cabelo e bigode*.

Desde o surgimento do Gramado Cine Vídeo, evento mais importante de exibição e premiação de produções universitárias, a Fabico deixou de ganhar prêmio somente na passagem do equipamento analógico para o digital. *O resgate dos bichinhos da Parmalat* fez sucesso como melhor vídeo de ficção em 1999. Depois disso, as dificuldades de trabalhar com equipamento sucateado impuseram uma substituição que começou em 2001. Hoje tudo é digital, a nova tecnologia está perfeitamente dominada, mas nem todos os equipamentos adquiridos estão instalados. Falta espaço no estúdio de tv, que deverá ser ampliado numa aguardada reforma interna no prédio da Faculdade.

Vencendo obstáculos, a produção fabicana ocupa espaço no cenário audiovisual universitário.

A Fabico ocupa lugar de relevância na história das premiações

As produções fabicanas

Filmes serão exibidos, de 15 a 20 de agosto, no Centro de Eventos da UFRGS, em Gramado

Ficção

Efêmero e *Bala de prata*

Documentário

Vale dos vinhedos

Reportagem

Catedral dos gaúchos

Vídeo social

Esquizofrenia

Vídeo experimental

Além do leite

Vídeo publicitário

Nokia leve

Programa de tv

Caderno dois

Clipe musical

Barba, cabelo e bigode

Revista da Faced completa 30 anos

Publicação científica Educação & Realidade é uma das cinco melhores do país na área de educação

Jacira Cabral da Silveira

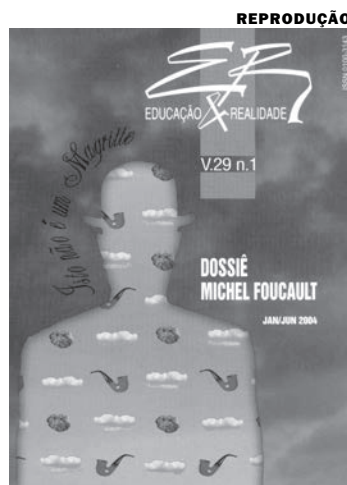
A Revista Educação & Realidade, publicada pela Faculdade de Educação da UFRGS – Faced, está completando 30 anos. Recentemente, ela foi classificada na categoria internacional pela Comissão de Avaliação de Periódicos na área da educação da ANPed – Associação Nacional de Pós-Graduação em Pedagogia, figurando entre as cinco melhores do Brasil.

Desde o começo, quando o professor Frei Rovílio Costa idealizou a revista, o interesse era atender a professores e alunos da Faculdade de Educação. Na sequência, Educação & Realidade teve como editores Tomaz Tadeu da Silva, Fernando Becker, Marisa Vorraber da Costa e, há sete anos, a jornalista e doutora em Educação, Rosa Maria Bueno Fischer.

Além dos artigos de professores e pós-graduandos da Faced, a

revista tem como colaboradores pesquisadores nacionais e internacionais. “A qualquer tempo, estamos abertos para receber textos que tratem das temáticas mais diversas, mas não abrimos mão de exigir de nossos colaboradores o máximo de cuidado com a escrita e com uma discussão teórica consistente e atualizada”, comenta Rosa Fischer.

Este cuidado em discutir temas consistentes com linguagem adequada, entre outros aspectos, tem assegurado o *status* da revista. Para a editora, o reconhecimento como publicação de nível internacional é



“Ver a revista na bibliografia de concursos é gratificante”

referência, tanto para aqueles que a citam, quanto para os que nela escrevem. “Publicar numa revista de padrão internacional permite que um pesquisador tenha sua produção científica automaticamente reconhecida.”

Quanto à circulação, Educação & Realidade também se destaca. Enquanto a média nacional de assinaturas fixas de revistas da mesma categoria é de 200 a 250, a publicação da Faced manteve, nos últimos cinco anos, em torno de 300 assinaturas. A venda avulsa alcança a média de 350 a 500 exem-

plares. Segundo Rosa Fischer, edições como “Construindo o Construtivismo” e “Desconstruindo o Construtivismo”, tiveram suas tiragens esgotadas, com 1.500 exemplares vendidos de cada uma. Mais recentemente, “Dossiê Gilles Deleuze”, em poucos meses vendeu 400 exemplares.

Além das assinaturas e vendas avulsas, a Biblioteca Setorial de Educação faz permuta da publicação com revistas nacionais e internacionais, que é enviada a várias bibliotecas do Brasil e de mais de 30 países. Orgulhosa, a editora comenta: “Ver *Educação & Realidade* na bibliografia de concursos públicos na área de educação, em todo o país, em centros como São Paulo e também em universidades regionais de vários estados, é extremamente gratificante. Além disso, essa repercussão assegura novas assinaturas e novas vendas, permitindo a auto-sustentação”.

COMO ADQUIRIR

■ **O quê:** Revista Educação & Realidade

■ **Assinatura:** R\$ 70,00 (4 números)

■ **Número avulso:** R\$ 20,00

■ **Pedidos e assinaturas:** devem ser encaminhados, juntamente com cheque cruzado em nome de Educação & Realidade, para Revista Educação & Realidade – Faculdade de Educação da UFRGS – Av. Paulo Gama, sem número, prédio 12.201, sala 901 – 90046-900 – Porto Alegre – RS

■ **Página na Internet:** www.ufrgs.br/faced/setores/revista/



UFRGS tem Centro de Artes e Educação Física

Formação de professores Órgão desenvolve projetos de educação continuada à distância para o Ensino Básico



FLÁVIO DUTRA

Helena de Souza Nunes coordena o Centro, sediado no Anexo 1 da Reitoria

Ânia Chala

Em breve, a Universidade estará lançando cursos à distância em Artes e Educação Física voltados para a formação continuada de professores da Educação Básica, no âmbito da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores. Desses fará parte o primeiro *Curso de Especialização à Distância em Artes e Educação Física na Educação Básica*, que integrará o Programa de Pós-graduação em Informática na Educação. Poderão participar docentes de todos os níveis escolares e não-docentes (gestores educacionais, informatas, artistas e músicos).

A professora Helena de Souza Nunes, coordenadora do Centro, explica que o órgão foi criado a partir de edital do MEC com o propósito de dar início a uma política de institucionalização da formação continuada de professores da Educação Básica no Brasil. O edital especificava que cada universidade poderia habilitar-se inscrevendo algum eventual centro ou setor já existente ou então criando um órgão novo.

No caso da UFRGS, todas as propostas encaminhadas ao Ministério foram aprovadas quanto ao mérito, mas apenas a do Centro de Artes e Educação Física foi escolhida, uma vez que cada instituição só pode abrigar um único centro.

A implementação da Rede acontecerá através de parcerias com os sistemas públicos de ensino e com outras universidades e instituições afins.

Para a coordenadora, a formação continuada não pode ser confundida com pós-graduação. "É educação continuada de onde o professor está, da sala de aula para uma atualização, sendo que o formato dos cursos é definido conforme a demanda, com a característica daquele sistema específico que entrou em contato conosco", esclarece Helena.

Como funciona – Além da UFRGS existem mais dois ou-

tros centros de artes e educação física no país, um na PUC de São Paulo e outro na UFRN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No total o Brasil tem 19 centros, distribuídos entre cinco áreas de atuação: educação matemática e científica, alfabetização e linguagem, humanas, gestão e avaliação e artes e educação física.

Os cursos podem ser solicitados por prefeituras, governos estaduais ou mesmo através de consórcios entre municípios.

Como as atividades são oferecidas à distância usando tecnologias via internet, a localidade solicitante deve possuir um laboratório instalado, com acesso à rede. "Isso, às vezes, é pesado para um município. Por isso é interessante a organiza-

"Nosso trabalho no Caef é ao mesmo tempo estimulante e assustador"

ção de consórcios entre localidades vizinhas, porque tal medida reduz significativamente os custos", afirma a professora.

A coordenadora do Caef lembra que existem programas específicos do MEC para apoio na instalação desses laboratórios. Os municípios devem habilitar-se a concorrer aos recursos, podendo vir a montar seu próprio laboratório ou um laboratório para atender à sua região que lhes permitirá receber as atividades oferecidas pelos centros.

Segundo Helena, o Centro de Artes e Educação Física da UFRGS dispõe de um comitê gestor, diretamente vinculado ao MEC, que responde pela prestação de contas, além de uma comissão de acompanhamento, na Universidade, para garantir a institucionalização interna do órgão.

Incubadora cultural – Quando de sua estruturação, o Centro

optou por associar-se à ideia da incubadora cultural. "Nossos estagiários são estudantes da ESEF e do Instituto de Artes e, como sobraram vagas, selecionamos também alunos de universidades gaúchas parceiras, das áreas de artes, educação física e informática", informa a professora. Os estudantes foram estimulados a abrirem suas próprias empresas. "Temos várias notas fiscais número um destas empresas em nossas prestações de contas", diz ela, esclarecendo que a incubadora cultural, outra ideia em construção na UFRGS, abriga empresas como promotoras de eventos, de produção de material gráfico, de divulgação, estúdios de gravação e fotográficos, além de empresas de editoração eletrônica.

Para Helena, cada membro da equipe precisa criar suas próprias formas de trabalho, "uma vez que temos de atender instituições de outros estados do país, o que exige de nossos profissionais uma flexibilidade maior". Atualmente, a equipe é composta por cerca de 50 pessoas, entre professores, técnicos, estagiários e colaboradores voluntários.

Numa definição simples, a professora acredita que o trabalho do Caef é ao mesmo tempo estimulante e assustador.

Aos interessados em conhecer mais sobre o Centro, ela recomenda a leitura do boletim eletrônico de divulgação, no qual é possível cadastrar-se para o recebimento de informações periódicas via correio eletrônico.

ONDE FICA O CAEF

- **Endereço**
Av. Paulo Gama, 110 – anexo I da Reitoria, sala 320, Campus Centro
Telefone: 3316-4180 e 3316-4182
- **E-mail**
secretaria@caef.ufrgs.br
- **Site**
www.caef.ufrgs.br

Resenhas

Uma técnica de milênios

Este é o primeiro livro escrito em português dedicado ao assunto, sendo que a última obra realizada no mundo sobre esse processo de concentração mineral é de 1984.

Justamente a partir dessa década, com as novidades no mercado de equipamentos, houve uma retomada do beneficiamento gravimétrico, o método de separação de minerais por densidade, que é o mais antigo e também o mais barato.

Os aspectos de funcionamento e de projeto dos diversos aparelhos utilizados na atualidade são apresentados, visando "mostrar como considerações teóricas e operacionais devem ser entrelaçadas para atingir um desempenho ótimo".

Carlos Sampaio é professor no Departamento de Engenharia Metalúrgica e no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Minas, Metalúrgica e dos Materiais da UFRGS. Luiz Marcelo Tavares é professor no Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais da Escola de Engenharia e da COPPE da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



BENEFICIAMENTO GRAVIMÉTRICO

Ed. UFRGS, 605 págs., R\$ 41,60 nas Livrarias da UFRGS, de Carlos Hoffmann Sampaio e Luís Marcelo Marques Tavares

Efeitos dos ventos nas construções

O conjunto de ensaios, realizados no Brasil e no exterior, sobre as ações dinâmicas exercidas pelo vento nas construções civis, está estruturado em duas partes. A primeira, corresponde a uma revisão de conceitos fundamentais, com um capítulo referente às vibrações mecânicas e outro, apresentando os processos aleatórios. A segunda parte do livro traz as vibrações causadas pelo vento, em seus distintos modos, iniciando com o estudo das vibrações devidas à energia cinética das rajadas.

Cada capítulo apresenta ainda a bibliografia e a simbologia correspondentes. A publicação é rica em demonstrativos, gráficos e referências, sugerindo formas de reduzir essas vibrações.

Joaquim Blessmann é mestre e doutor em Ciências pela Divisão de Engenharia Aeronáutica do ITA. Professor na Escola de Engenharia e Professor Emérito da UFRGS. O autor, que tem no currículo quase 150 trabalhos publicados, escreveu anteriormente *O vento na engenharia estrutural*.



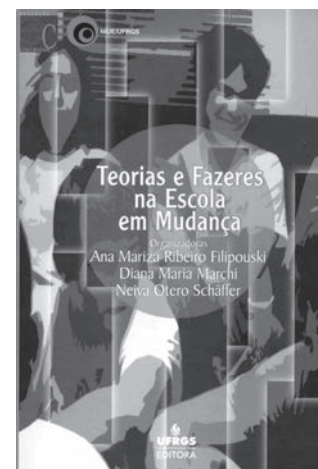
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS AÇÕES DINÂMICAS DO VENTO

Ed. UFRGS, 282 págs., 2a edição, R\$ 28,00 nas Livrarias da UFRGS, de Joaquim Blessmann

O professor e a escola

A publicação do Núcleo de Integração Universidade & Escola (série Educação Continuada) vem "socializar saberes". Os artigos apresentados são fruto da assessoria pedagógica dada pelos seus integrantes e colaboradores. Em tempo de altos índices de reprovação, problemas relativos à leitura e à escrita, evasão e exclusão, com necessidade de universalização da Escola Básica e inserção digital – que parece tornar cada vez mais difícil ensinar e fazer aprender –, a obra proporciona a reflexão e a formação de diferentes agentes educativos. Segundo as organizadoras, o intuito da formação continuada que procuram é "preparar professores para que promovam mais e melhores aprendizagens", mas que "depende de uma exigência pessoal e também da construção de uma perspectiva cultural a respeito do saber docente".

Ana Mariza Filipouski é professora da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) e professora aposentada no Instituto de Letras da UFRGS. Diana Marchi também é professora da FAPA. Neiva Schäffer é professora aposentada do Colégio Júlio de Castilhos e do Departamento de Geografia da UFRGS. (Caroline da Silva)



TEORIAS E FAZERES NA ESCOLA EM MUDANÇA

Ed. UFRGS, 287 págs., 2a edição, R\$ 28,80 nas Livrarias da UFRGS, organizado por Ana Mariza Ribeiro Filipouski, Diana Maria Marchi e Neiva Otero Schäffer

TERRORISMO

Os atentados registrados no mês de julho na Inglaterra e no Egito lembraram a todos que o terrorismo continua tramando em silêncio a morte de inocentes pelos quatro cantos do mundo. O medo marcou outro ponto, quando um jovem eletricitista brasileiro, residente em Londres, foi alvejado com oito tiros à quei-

ma-roupa pela polícia londrina, numa estação do metrô. Passado o choque inicial, parece que algumas autoridades começam a contabilizar incidentes como este na cota das tragédias inevitáveis.

À impotência dos sistemas de segurança e ao descontrole das ações policiais, somam-se ainda um irreversível proces-

so de cerceamento das liberdades individuais e o aumento das manifestações veladas de intolerância e racismo. Tanto nos países desenvolvidos, quanto em regiões mais pobres, as vítimas anônimas servem de justificativa para mais medidas, mais armas, mais desconfiança e, claro, mais medo.

Buscando compreender os mecanismos que movem as ações terroristas, o Jornal da Universidade convidou para uma reflexão dois professores da UFRGS, uma cientista política e um psicólogo que, de suas respectivas áreas de conhecimento, procuram analisar diferentes aspectos deste terrível fenômeno.

Por quê o terrorismo?

Céli Regina Pinto

Cientista política e diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Para se entender as questões envolvidas no terrorismo, se faz necessário tomar distância de posturas maniqueístas, que buscam identificar os algozes e as vítimas, diabolizando os primeiros e santificando as segundas.

O terrorismo faz parte de um conjunto de ações, que substitui a política pela violência, quando a arte da negociação, entre parceiros que se reconhecem legítimos, perde as condições de possibilidade. Tomando os séculos XX e XXI temos muitos exemplos: a violência regulada por tratados internacionais, das guerras entre Estados como a I e a II Guerras; a violência das invasões de exércitos poderosos em países fragilizados, Hungria, Tchecoslováquia, Camboja, Vietnã e, mais recentemente, Afeganistão e Iraque. Em qualquer uma das situações acima a barbárie tomou proporções alarmantes: por questões ideológicas, por racismo, por puro interesse econômico foram mortos milhões e milhões de pessoas, combatentes e população civil.

Fora as guerras e as invasões, identificam-se duas outras formas de substituição da política pela violência: a guerrilha e o terrorismo. A guerrilha tem três espaços de aparecimento: quando um grupo não reconhece o pacto político como legítimo; quando o espaço da política se reduz drasticamente; quando um país é invadido e perde sua capacidade de reagir organizadamente. Exemplos do primeiro tipo foram as guerrilhas, que deram origem aos regimes comunistas em Cuba e na China, a guerrilha de Che Guevara na selva boliviana, dos Tupamaros no Uruguai e dos Montoneros na Argentina. O segundo tipo foi a que se instaurou na América Latina durante os regimes militares, no momento em que todos os canais políticos estavam fechados, como foi o caso da guerrilha do Araguaia no Brasil. A terceira forma de guerrilha tem como exemplos mais fortes as ações na atualidade no Afeganistão e no Iraque, contra os invasores norte-americanos e aliados.

Examinando estas diferentes ações, encontra-se uma característica comum: em todas, há objetivos a alcançar: vencer o inimigo em uma guerra; livrar o país de um invasor; derrotar um regime militar, implantar um processo revolucionário.

Descritas, pois, todas estas ações, o que cabe é perguntar no que o chamado terrorismo diferencia-se delas? Há realmente um fenômeno chamado terroris-

O terrorismo é a completa negação do outro, é uma ação que não busca a vitória

mo? O que o caracteriza e o diferencia dos demais? Por que, afinal, existe? O terrorismo é uma ação de violência cuja racionalidade está na irracionalidade do próprio ato. E a irracionalidade é o entendimento de quem sofre o ato, devido à racionalidade muito particular de quem o pratica. Buscar a racionalidade de

quem o pratica é responder a pergunta, por que o terrorismo? O terrorismo é a completa negação do outro, é uma ação que desloca o inimigo, porque não busca a vitória (o que se encontra na ação de guerrilha), mas a desorganização de um inimigo difuso, na medida em que qualquer um, independente de posição política, crenças, pode ser alvo desta ação. Sem poder político, sem projeto possível, presentes na guerra, no invasor e no guerrilheiro, o terrorista expõe sua fragilidade frente a um mundo organizado à sua revelia, matando pessoas comuns e matando a si próprio. O terrorismo é o ato por excelência da desorganização do outro, da construção do medo. É a última e mais primária reação ao poder do outro e, talvez, exatamente por isto, a mais assustadora. ■

Corações e mentes

Edson Luiz André de Sousa

Professor do Instituto de Psicologia e do PPG em Psicologia Social

Se não vemos o detalhe não vemos nada. Por trás dos fatos que se resumem depois de um tempo na manchete em caixa alta e alguns restos de imagem, o que sobra? A razão resiste e tenta alinhar algum argumento com os destroços da explosão.

São muitas as explosões. A série: Nova York, Madrid, Londres. Mas também podemos esboçar outras séries possíveis, mesmo que sob outras lógicas: Indochina, Vietnã, Iraque ou ainda Carandiru e a chacina dos moradores de rua em São Paulo ocorrida em agosto de 2004.

Claro, nada se compara quando o eixo é o sofrimento. Não quero comparar. O sofrimento maior é sempre das vítimas: os que morrem absurdamente em um ônibus indo para o trabalho de manhã, ou atingido em sua casa por uma bomba de aviões militares potentes.

Assim, neste último atentado em Londres todos somos vítimas potenciais, mesmo que a explosão tenha acontecido a milhares de quilômetros. O prefeito de Londres, Ken Livingstone,

Os monstros terroristas não caíram do céu. Foram alimentados por governos cegos

foi categórico: "Acho que teremos que ser super-vigilantes pelo resto de nossas vidas". A barbárie ameaça vencer na aposta do máximo de destruição possível.

O fracasso é de todos, a miséria espiritual de uma realidade excessiva que explode corpos, vidas, liberdade por um pouco de espaço nas manchetes. Há uma

guerra de afetos aquecida, mesmo que involuntariamente, pelo fascínio das mídias. Vemos explosões que buscam visibilidade, numa disseminação absurda do pânico. Corações e mentes alucinadas que detonam explosivos, sucumbindo juntos na realidade que compartilhamos lado a lado, mesmo que nossos mundos sejam tão diferentes. Os monstros terroristas não cairam do céu. Foram alimentados e construídos pelas políticas cruéis de tantos governantes cegos. Encontrar estratégias de resistência é imperativo, já que o caos do horror não se apaga nem com todo o armamento do mundo, nem com toda a polícia e o exército nas ruas.

Os terroristas do século XXI não são mais os seqüestradores de aviões que ainda davam um espaço a alguma palavra, quando queriam negociar as trocas de reféns por prisioneiros. Hoje, os aviões explodem sem aviso prévio, e o deslocamento mais cotidiano dentro de um metrô pode ser uma condenação à morte insana e injustificada.

Londres mostra nossa deriva. Do subterrâneo do primeiro metrô do mundo, traço do progresso à barbárie contida nas microtecnologias da morte que explodem dentro de qualquer mochila pequena. E diante das cinzas, o que fazer? Tony Blair, na cúpula do G8 anuncia no dia seguinte ao ataque terrorista uma ajuda anual de 50 bilhões de euros à África e o cancelamento da dívida dos países mais pobres. Não pensem que esta é uma vitória do terror. Os terroristas que explodem torres nem mesmo ficaram vivos para esperar por tempos melhores. Não esperam mais nada, e por isto são capazes de tudo.

Esta estratégia dos países ricos é mais uma tática de guerra diante da inevitável constatação de que o labirinto dos miseráveis é terreno fértil para líderes sedentos de poder disseminarem o ódio e o fanatismo.

A guerra contra o terror será perdida se não tocarmos os corações e mentes daqueles que potencialmente virão a produzir novas bombas. ■



ARTE: JOSÉ PEDRO BORTOLINI



BETE ROCHA

Redenção: Visões

Livro de fotografias reúne o olhar de fotógrafos sobre a Redenção

Flávio Dutra

Uma das maneiras de se pensar a distinção entre ver e olhar está, como diz o antropólogo Sergio Cardoso, na maior ou menor intervenção e responsabilidade do sujeito no “acontecimento da visão”.

As fotografias desta página, de autoria de Bete Rocha, têm como origem essa idéia e uma constatação: somos mais atentos quando estamos fora de nossos territórios, quando viajamos, quando nos distanciamos do nosso cotidiano. Nessas situações, seguindo o antropólogo citado, aguçamos o olhar, que, tenso e alerta, perscruta e investiga e, assim, indaga “a partir e para além do visto”.

Fotograficamente, porém, um dos resultados desse *olhar atento*, pode ser que, tanto para quem fotografa como para quem vê fotografias, o que é dis-

tante seja mais belo ou mais fácil de ser feito belo. Criar imagens do distante e do diferente pode ser mais cômodo do que criar imagens do que nos é próximo e cotidiano.

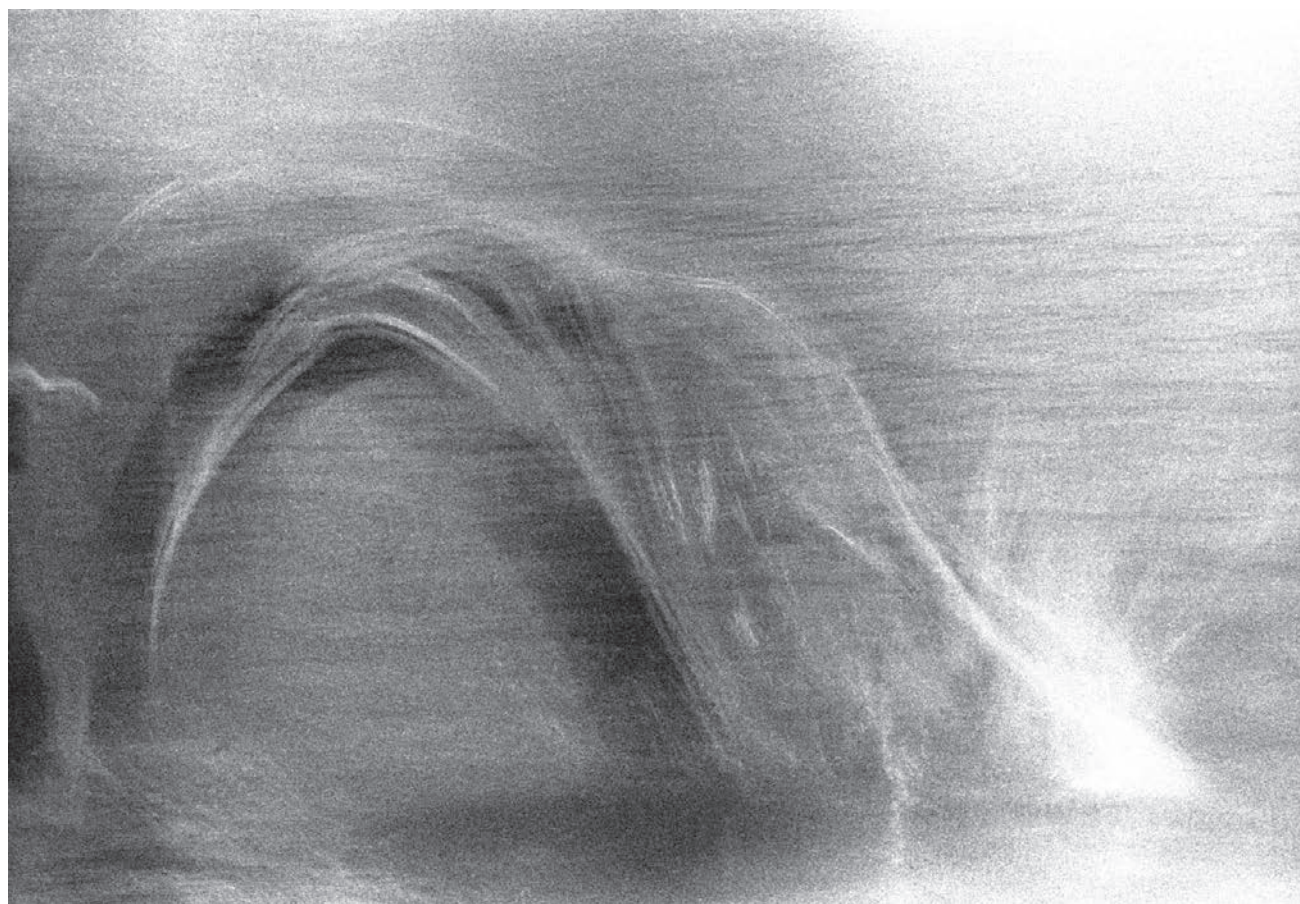
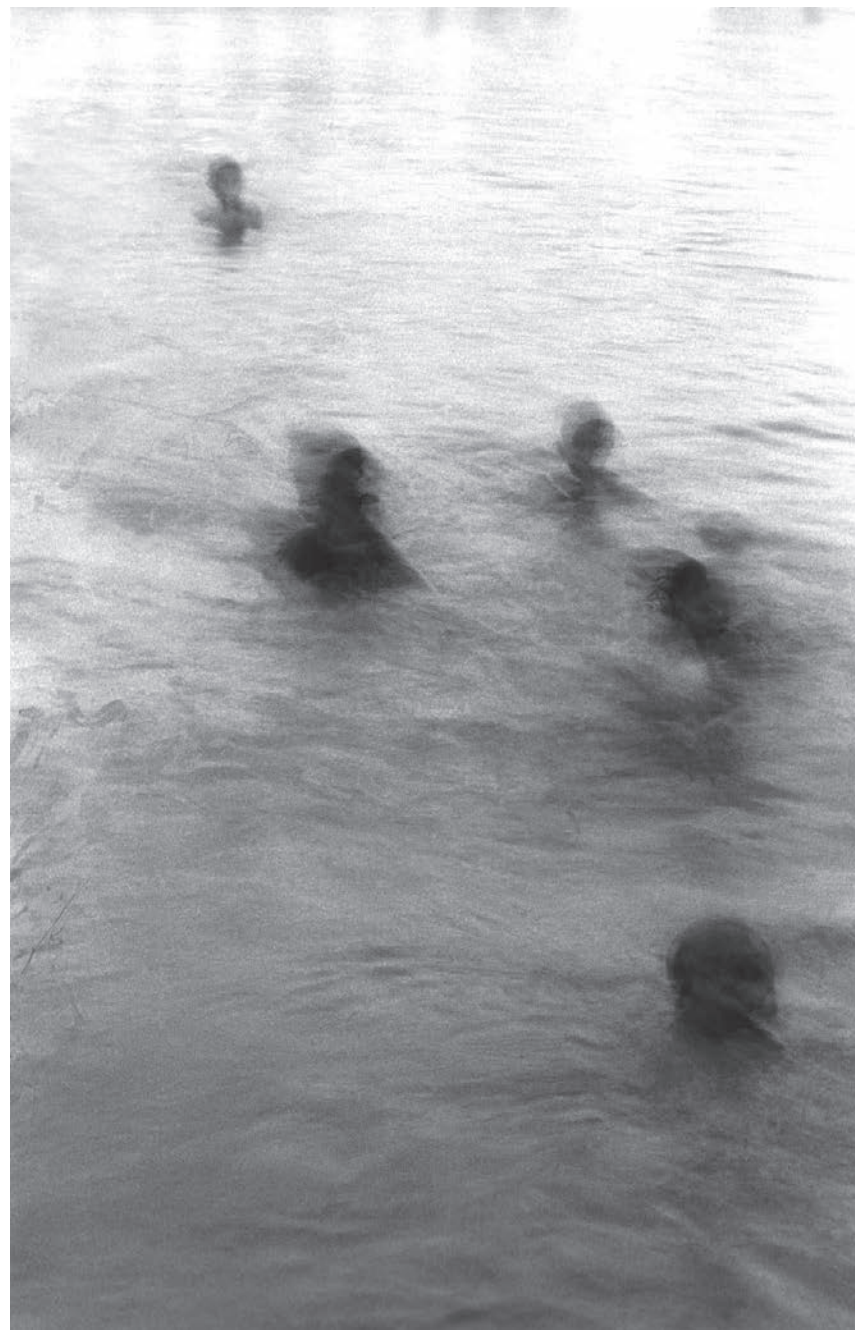
E esta foi a provocação feita a um grupo de estudantes de fotografia, participantes de um curso realizado em 2003, na Fabico: se olhamos tão atentamente e fotografamos tão facilmente quando estamos em ambientes que nos são diferentes, como olhar e fotografar o que nos é próximo? Como criar imagens de espaços e situações que nos são cotidianas e, ainda assim, fazer com estas imagens, que estes espaços pareçam inusitados e surpreendentes? Como fazer *fotografia* do que nos é próximo?

O resultado foi um conjunto de nove ensaios fotográficos, feitos por nove autores, sobre o Parque Farroupilha, ou, mais intimamente, sobre a Redenção. Este

trabalho foi apresentado como projeto ao Fumproarte – o fundo de incentivo à cultura da cidade de Porto Alegre – e será publicado como livro, com o título *Redenção: Visões*.

Cada autor buscou fazer fotografias da Redenção que estivessem vinculadas a suas experiências pessoais: o parque que é percorrido todo dia no simples ir e vir cotidiano, o lugar do sol de domingo, o espaço que traz memórias de infância, na folha, no trem, no lago, nas brincadeiras das crianças de sempre.

Essas fotografias fazem parte de um dos ensaios deste livro e mostram as crianças que, no verão, fazem do lago um grande açude em pleno coração da cidade. Bete Rocha, a autora, é doutora em Bioquímica e professora do Departamento de Bioquímica da UFRGS. O livro *Redenção: Visões* terá lançamento em agosto, no Café do Lago, na Redenção.



O lago da Redenção como um grande açude, em pleno coração da cidade

